

MARCIA AMARAL DOMINGOS DO CARMO

**OLHAR DOCENTE SOBRE O TRABALHO EM GRUPO E A
PEDAGOGIA SOCIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

UNISAL

Americana

2011

MARCIA AMARAL DOMINGOS DO CARMO

**OLHAR DOCENTE SOBRE O TRABALHO EM GRUPO E A
PEDAGOGIA SOCIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO**

**Dissertação apresentada ao programa de
Mestrado do Centro Universitário Salesiano de
São Paulo - UNISAL, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Educação, sob a
orientação da Pro.fª Dr.ª Sueli Maria Pessagno
Caro**

**UNISAL
Americana
2011**

C285o Carmo, Marcia Amaral Domingos do
Olhar docente sobre o trabalho em grupo e a pedagogia social: uma contribuição / Marcia Amaral Domingos do Carmo. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2011.
84 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro.
Inclui bibliografia.

1. Trabalho em Grupo. 2. Pedagogia Social. 3. Socialização.
I. Título.

CDD – 371.58

Catálogo elaborado por Maria Elisa Pickler Nicolino – CRB-8/8292
Bibliotecária do UNISAL – Unidade Americana.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sueli Maria Pessagno Caro

UNISAL

Prof. Dr. Renato Kraide Soffneer

UNISAL

Prof. Dr. Manoel Nelito M. Nascimento

UFSCar

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Ana Carolina e Marcus Vinícius, pela compreensão, apoio e por suportarem as ausências de tantas horas em que estive isolada, pesquisando e escrevendo.

Aos meus irmãos que estão sempre ao meu lado e não me deixam desistir.

Ao meu pai Antonio Amaral; e *in memoriam* de Aracy, minha mãe, a quem devo minha vida, meus sonhos e meu amor a Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da minha vida. Autor da sabedoria, meu porto seguro, lugar onde deposito minha fé e a certeza de um futuro feliz.

Aos meus pais. Pela educação, pelo convívio familiar, pelos primeiros ensinamentos sobre amor ao próximo, solidariedade e amor a Deus.

Aos meus irmãos.

- Osvaldo – nunca deixou de fazer um telefonema, saber se estava tudo bem e oferecer ajuda.
- Marta - sempre presente, mesmo morando em outra cidade, irmã incondicional, tia excepcional e ótima profissional.
- Myrtes – sempre me questionando sobre a dissertação, inteligente, experiente e sinônimo de batalhadora.

Aos meus filhos, Carol e Marquinhos que me respeitaram quando precisava descansar um pouco durante o dia, depois de uma madrugada inteira no computador. Pelo respeito, pelas experiências que me deram como mãe e educadora, pelo afago carinhoso e pela certeza de que iria valer a pena.

Ao meu esposo, companheiro, presente e motivador.

Aos meus amigos de trabalho, professores do IASP. Pelos momentos de amizade, descontração e bate papos que moldaram este trabalho.

À Prof.^a Ervely França, coordenadora pedagógica do IASP, que não mediu esforços para me ajudar, apoiar e incentivar e me dar licença no momento em que eu mais precisei.

Aos meus alunos, que me ajudaram nas entrevistas e foram protagonistas deste meu trabalho.

Aos professores que responderam ao questionário, que mesmo num período complicado de fechamento de diários, final de bimestre, contribuíram de forma competente, fazendo observações importantes.

À orientadora Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Pessagno Caro pela sabedoria, calma, serenidade e confiança demonstradas.

À direção e aos professores do UNISAL por tanto profissionalismo e amizade. Por cada gesto, sorriso, atenção.

A todos aqueles que passaram por minha vida nesses vinte e quatro anos de educadora. A eles devo toda minha experiência e amor à profissão.

A educação e a escola devem ser espaço para emoção e convivência. No espaço escolar deve predominar o diálogo, o afeto, a valorização dos sentimentos alheios. Deve-se buscar a aceitação e o rechaço pela rejeição, mediante uma participação ativa e prazerosa na sala de aula, compreendendo e acolhendo, ensinando os alunos a ter uma atitude mais flexível e cooperativa em relação aos outros, valorizando as capacidades de cada um. (SARAVALI, 2004, p. 87)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apontar a atividade em grupo como uma estratégia possível de administrar conflitos de socialização escolar. Os objetivos também são apresentar o trabalho em grupo e suas especificações; verificar como a Pedagogia Social se relaciona com o Trabalho em grupo; apresentar a contribuição docente a partir de pesquisas com alunos e professores. O problema desta pesquisa é como o trabalho em grupo pode ser uma estratégia que administre possíveis conflitos de socialização. Foi realizada uma pesquisa em forma de questionário com professores e alunos com o objetivo de coletar informações sobre a importância do relacionamento professor/aluno no ensino-aprendizagem; conscientizar professores dos prejuízos acarretados pela rejeição escolar; e incentivar a socialização através da prática de dinâmica em pequenos grupos. Os resultados evidenciaram que as atividades em grupo, havendo interesse, envolvimento do aluno e direcionamento do professor, favorecem a participação e socialização. Consideramos que a presente pesquisa poderá trazer importantes contribuições para a educação; não encerra discussões, mas abre questionamentos sobre o trabalho em grupos como ferramenta no ambiente escolar que dirime conflitos de socialização.

Palavras-chave: Trabalho em grupo. Pedagogia Social. Socialização.

ABSTRACT

The present work aims to point out the group activity as a possible strategy for managing conflicts of school socialization. The objectives will also be presenting the work group and their specifications; verify how Social Pedagogy relates with work group; present the faculty's contribution following the research with students and teachers. The focus on this research is to show how group work can be a strategy to manage potential conflicts of socialization. This research was carried out as a questionnaire to teachers and students in order to collect information about the importance of the relationship teacher/student in teaching and learning; teacher's awareness of the damages caused by rejection in school; and encourage socialization through the practice of the small group dynamics. The results showed that group activities, with interested and involved students, coached by teachers, promote participation and socialization. We believe that this research will provide very important contributions to education. It does not close discussions, but brings up questions about the group work in the school environment as a tool to resolve conflicts of socialization.

Keywords - Group work. Social Pedagogy. Socialization.

Lista de Figuras

Figura 01 - Sociograma - Turma 9 ^a /2010.....	46
--	----

Lista de Gráficos

Gráfico 01 - Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.....	25
Gráfico 02 - Mudanças ao participar do Programa Escola Aberta.....	40

Lista de Quadros

Quadro 01 - Sociograma I do INEP	27
Quadro 02 - Sociograma II do INEP.....	28

Lista de Siglas

CNJ	Conselho Nacional de Justiça.
DATASUS	Banco de Dados do Sistema Único de Saúde
INEP	Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEA	Programa Escola Aberta
PIB	Produto Interno Bruto
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.
USP	Universidade São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - TRABALHO EM GRUPO	19
1.1. Definindo o Termo.....	19
1.2. Dinâmica de Grupo de Kurt Lewin.....	19
1.3. Princípios Básicos que Orientam a Ação Grupal	20
1.4. Trabalhos em Grupo e Socialização	22
1.5. Rejeição em Sala de Aula.....	24
CAPÍTULO 2 - PEDAGOGIA SOCIAL	30
2.1. O Trabalho em Grupo e a Pedagogia Social.....	30
2.2. A Contribuição da Pedagogia Social.....	31
2.3. Um pouco da História da Pedagogia Social.....	31
2.4. A Pedagogia Social no Brasil.....	32
2.5. Programa Escola Aberta (PEA)	36
CAPÍTULO 3 – UMA CONTRIBUIÇÃO DOCENTE	43
3.1. Sociograma: Construção e Análise	43
3.2. Questionário dos Alunos: Gráfico e Análise	49
3.2.1. Opinião dos alunos sobre trabalho em grupo	58
3.3. Questionário dos Professores: Gráficos e Análise	59
3.3.1. Opinião dos professores sobre trabalho em grupo	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS.....	75

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa estudou a importância do Trabalho em Grupo como estratégia para administrar conflitos de socialização em ambiente escolar.

De acordo com o relatório da UNESCO - Órgão das Nações Unidas para educação, ciência e cultura – a educação ajuda a combater a pobreza e capacita as pessoas com o conhecimento, habilidades e a confiança que precisam para construir um futuro melhor.

A maior parte dos países que são considerados grandes potências, economicamente falando, investe grande parte do PIB em educação. Investir em educação é investir no futuro.

Mesmo não sendo prioridade do governo brasileiro, é possível encontrar educadores em nosso país, mesmo com poucos recursos, investindo em crianças e jovens, para fazer do Brasil, um país melhor.

A educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade. A atividade em grupo é muito valorizada, por permitir a troca de experiências e o privilégio da relação social.

A prática da educação formal ocorre nas escolas e os protagonistas dessa história são: professor e aluno; o trabalho em grupo foi visto nesta pesquisa como uma estratégia, por meio da qual se coloca em prática a administração de possíveis conflitos de socialização na escola.

Administrar possíveis conflitos seria identificar problemas no âmbito escolar, que se não fossem identificados, avaliados e resolvidos, poderiam trazer consequências negativas para a vida.

O resultado desta pesquisa poderá servir como ferramenta para estudantes e profissionais da área de Educação e simpatizantes com a Pedagogia Social.

O objetivo geral deste trabalho foi apontar a atividade em grupo como uma estratégia possível de administrar conflitos de socialização escolar. Os objetivos específicos ficaram assim definidos: 1) Apresentar o Trabalho em Grupo e suas Especificações; 2) Verificar como a Pedagogia Social se Relaciona com Trabalho em Grupo; 3) Apresentar a Contribuição Docente a partir de Pesquisas com Professores e Alunos.

Autores que embasaram esse trabalho foram Kurt Lewin, criador da expressão “Dinâmica de Grupo”; Jacob Levy Moreno criador da Sociometria; e Joan Bonals, autor da obra *O Trabalho em Pequenos Grupos na Sala de Aula*.

Foram também consideradas as contribuições da Prof.^a Dr.^a Sueli Caro, uma das primeiras estudiosas da Pedagogia Social no Brasil.

Como Metodologia da Pesquisa, utilizou-se alguns instrumentos de coleta de dados, citados a seguir. O Objetivo geral seria apontar a atividade em grupo como uma estratégia possível de administrar conflitos de socialização escolar.

Para realização foram utilizadas duas turmas de alunos, de ambos os sexos de uma escola particular, do interior do estado de São Paulo, alunos com faixa etária de 14 anos, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. Estas duas turmas foram identificadas como: Turma A (37 alunos que responderam ao questionário) e Turma B (39 alunos, que participaram da elaboração do sociograma).

Ainda participaram da pesquisa um grupo de 21 professores, de ambos os sexos e de várias disciplinas, da rede pública, no interior do estado de São Paulo.

Como procedimento foi feito um pedido de autorização, por escrito, para que os alunos pudessem participar da pesquisa. Houve um acordo entre os participantes de sigilo das informações, mas de identificação das pesquisas para que o pesquisador pudesse ter acesso aos dados finais.

Todos os alunos e professores entrevistados foram devidamente orientados pela pesquisadora sobre o objetivo da pesquisa e devidamente autorizados e durante a coleta de dados a pesquisadora visitará as salas de aula e a sala dos professores.

Será feito um sociograma com uma das turmas, para confirmar suspeita de rejeição e facilitar futuramente o trabalho com os alunos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados dos professores será uma lista com dez questões sobre trabalho em grupo e socialização. Para os alunos também será utilizado uma lista com questões sobre o mesmo assunto, direcionadas ao convívio do aluno em sala de aula e agrupamento.

Para construção do Sociograma, será entregue a cada aluno participante duas fichas, uma de cada vez, para que sejam respondidas as questões abaixo:

- a. Escolha dois alunos, da sua classe, com os quais você gostaria de fazer um trabalho em grupo.
- b. Escolha dois alunos da classe, com os quais você não gostaria de passar o intervalo.

Finalmente, os questionários serão transformados em gráficos para melhor visualização dos dados e interpretação das questões.

O sociograma será elaborado segundo a proposta de Iverson e Iverson (1996), para indicação de possíveis casos de rejeição na sala de aula.

Essa dissertação está estruturada da seguinte forma:

O Capítulo I apresenta o trabalho em grupo como estratégia para administrar possíveis conflitos de socialização em sala de aula e destaca a rejeição como um conflito que atualmente afeta o desempenho escolar.

O Capítulo II apresenta a Pedagogia Social como ponte para a socialização e ainda propõe o trabalho em grupo como ferramenta de sociabilidade e aceitação na sala de aula. Conclui com propostas de melhoria da vida social e pessoal através de medidas preventivas para situações de conflito, no papel do educador social.

O Capítulo III trata da contribuição do professor em todo esse processo, além de trazer as pesquisas realizadas e resultados.

Na finalização fazemos as considerações finais com conclusões da pesquisadora e apresentamos as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 - TRABALHO EM GRUPO

1.1. – Definindo o termo Trabalho em Grupo

Para Silva (2002, p. 76), o grupo é um conjunto limitado de pessoas, unidas por objetivos e características comuns que desenvolvem múltiplas interações entre si. Nele, as pessoas desenvolvem a sua estrutura pessoal através da troca de ideias e do diálogo. Ainda de acordo com a autora, o grupo pensa e age de modo diferente de qualquer um dos seus elementos considerados individualmente.

Os termos trabalho em/ou de grupo, dinâmica de grupos, técnicas grupais, animação de grupos, referem-se a expressões relacionadas com a vivência grupal; mesmo sendo semelhantes, possuem diferenças. São atividades realizadas de maneira coletiva. Para que exista trabalho grupal é necessário que as ações se desenvolvam coletivamente, mediante a interação de pessoas.

Entre os vários autores da teoria de Dinâmica de Grupos, tal expressão tem alcances e significados diferentes, embora em todos eles, há elementos comuns.

LEWIN (1890-1947), é considerado o criador da expressão Dinâmica de Grupos e estuda cientificamente o conjunto de fenômenos psicossociais que se desenvolvem nos grupos primários e as leis que produzem e regulam.

1.2. – A Dinâmica de Grupos de Kurt Lewin

Kurt Lewin, psicólogo alemão, nasceu em 9 de setembro de 1890 em Mogilno, Alemanha, e morreu em Newtonville, Massachusetts, Estados Unidos, em 12 de fevereiro de 1947.

Na Alemanha, estudou em Freiburg, Munique e Berlim, onde se doutorou em 1914, quando foi para a Primeira Guerra Mundial como oficial do Exército alemão trabalhando no Instituto Psicanalítico de Berlim. Foi para os Estados Unidos em 1933, onde se refugiou antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois suas teorias eram incompatíveis com o Nazismo. Não voltou mais para a Alemanha.

Trabalhou nas Universidades de Cornell, Stanford e Iowa, fundou o Centro de Pesquisa de Dinâmica de Grupo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, (MIT), em 1945. No Instituto fez diversos trabalhos e formou muitos profissionais no campo da Psicologia da Sociologia e Fisiologia.

A teoria do campo psicológico, formulada por Lewin, afirma que as variações individuais do comportamento humano com relação à norma são condicionadas pela tensão entre as percepções que o indivíduo tem de si mesmo e pelo ambiente psicológico em que se insere o espaço vital, onde abriu novos caminhos para o estudo dos grupos.

Lewin dedicou aproximadamente oito anos de sua vida universitária, de 1939 a 1946, à exploração psicológica dos fenômenos de grupos.

Dedicou muitos anos de sua vida à pesquisa de pequenos grupos, principalmente das instituições educativas. Fundou o Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupos, onde aplicava os princípios de sua teoria grupal, aferia os resultados e elaborava teoria, testava hipóteses, reformulava as leis grupais e analisava os problemas de comunicação verificando e avaliando as interações grupais, nas situações criadas em seu laboratório de Psicologia Social.

1.3. – Trabalho em Grupos e Socialização

Socializar é função da família, da escola, enfim é função da vida. Há desafios na escola, afinal a escola é o espaço que permite que os alunos estabeleçam relacionamentos sociais, e a partir do momento em que a criança entra no ambiente

escolar estará sujeito a atividades entre professor e alunos que muito poderão contribuir para o desenvolvimento integral deste aluno, ou não.

Para Blin (2005, p. 107), se a classe é um lugar de aprendizagem dos saberes escolares, é também um espaço onde se instauram relações e onde os alunos aprendem a integrar uma coletividade, isto é, socializar-se. O autor define socialização e sociabilidade, como:

- Socialização – interiorização de normas, de regras e de comportamentos relativos à integração em um grupo.
- Sociabilidade - capacidade de um indivíduo de entrar em relação com outrem.

Dessa forma, a classe, em certas condições, pode tornar-se um lugar de educação social no sentido em que aprender a viver na classe é aprender a viver em sociedade. Isso exige que se desenvolva nos alunos um sentimento de confiança.

Um bom ambiente de aula é caracterizado por relações de aceitação, amor, solidariedade, e respeito entre a turma e seus professores.

Dessa forma a socialização ocorre de forma natural, com ajuda mútua dos alunos e dos professores e o coletivo passa a ser primordial e para garantir a cooperação e a solidariedade, é importante propor situações que desenvolvam as competências de trabalho em equipe nos alunos. Blin (2005, p. 109), propõe:

- Propor situações didáticas que possibilitem a comunicação e as trocas;
- Desenvolver as habilidades relacionais e sociais dos alunos (falar, escutar)
- Realizar trabalhos em pequenos grupos, variando a composição a fim de favorecer os encontros e a aprendizagem do trabalho com os outros (organização eficaz de um grupo de trabalho)

Se para garantir cooperação é importante propor situações que desenvolvam as competências de trabalho em equipe nos alunos, torna-se fundamental a atuação do professor, que desenvolverá as habilidades relacionais e sociais dos alunos.

1.4. – Princípios Básicos que Orientam a Ação Grupal

Idáñez (2004), autor do livro “Como Animar um Grupo”, escreveu que para que um grupo seja capaz de resolver problemas de modo efetivo e satisfatório é preciso estabelecer algumas condições:

- Criar um ambiente ou clima grupal favorável ao trabalho coletivo.
- Relações interpessoais que permitam reduzir a intimidação (medo do outro) e facilitar a confiança e a comunicação do grupo.
- Estabelecimento de acordos sobre a forma como serão resolvidos os problemas.
- Liberdade do grupo para definir seus objetivos e estratégias e tomada de decisões.
- Aprendizagem das formas mais adequadas para adotar as melhores decisões.

É necessário ressaltar que cabe ao professor proporcionar um ambiente favorável. Isso levará o grupo a uma satisfação maior e, conseqüentemente maior concentração. Se a sala estiver abafada, material precário, iluminação insuficiente, vai gerar um desconforto e inquietação.

Além da produtividade e qualidade serem maiores, certamente haverá maior cordialidade, animação e amizade, contribuindo para o bem estar e aceitação do grupo.

No Manual de Dinâmica de Grupos, Gibb (1963, p. 141) escreveu que “o estabelecimento dos objetivos, a avaliação contínua e a flexibilidade são as chaves de um planejamento efetivo”. Ele diz também que quando a comunicação é livre e rápida, os planos flexíveis e a avaliação eficiente, os membros podem proceder a um efetivo estabelecimento dos objetivos e uma acertada escolha de atividade. (GIBB, 1963, p. 142)

Bonals (2003, p. 19), são muitas as possibilidades de trabalhar em grupo, entre elas:

- Os grupos geram dinâmicas que demandam sempre novas orientações.
- É possível avaliar o que um aluno sabe e o que ele não sabe durante um trabalho em grupo.
- Trabalhar em grupo se aprende fazendo, quando há disponibilidade e orientação de maneira pertinente.
- As habilidades que irão conduzir os alunos durante o trabalho em grupo, serão adquiridas em um contexto de trabalho em equipe.

Diante de tantas possibilidades, o professor tem em mãos um método de trabalho para ser usado com a classe, que poderá vir a ser uma oficina de grande importância para o presente e para o futuro do aluno.

Questionado sobre a importância do trabalho em grupos, Bonals (2003, p. 21), responde:

- O trabalho em grupo promove ajuda mútua
- O trabalho em grupo proporciona melhor conhecimento de si mesmo
- O trabalho em grupo gera maior capacidade de participação
- O trabalho em grupo proporciona sensação de bem estar no grupo
- O trabalho em grupo traz responsabilidade individual

Dessa forma, a classe, em certas condições, pode tornar-se um lugar de educação social no sentido em que aprender a viver em classe é aprender a viver em sociedade. Isso exige que se desenvolva nos alunos um sentimento de confiança. (Blin, 2005, p. 107).

Não enfatizando apenas os pontos positivos do trabalho em grupo, Bonals (2003) ainda salienta que é preciso se considerar no cotidiano do aluno, algumas perturbações vividas no sistema escolar como: a recusa escolar e a humilhação, por exemplo.

E é sobre a recusa e humilhação citadas por Bonals (2003), os termos abordados a seguir.

1.5. – A Rejeição na Sala de Aula

De acordo com Tonelotto (2002, p. 3), um dos fatores que apresentam grau considerável de interferência na aprendizagem é a qualidade do relacionamento que os escolares mantêm com seus pares. Trata-se de um fator de ordem externa e interpessoal capaz de interferir tanto no processo ensinar-aprender quanto na qualidade das relações mantidas na sala de aula, imprescindível para a consecução das metas da aprendizagem escolar.

O professor que possui objetivo de alcançar a aprendizagem durante o ano letivo, irá se preocupar como o relacionamento dos seus alunos em sala de aula, caso contrário o aluno poderá correr sérios riscos no futuro.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, órgão ligado ao Ministério da Educação aponta que a rejeição na sala de aula atinge 13% dos alunos e, afeta desempenho escolar. Pode até ser um índice baixo, mas muito representativo, quando se trata de um problema que atinge o desempenho escolar.

De acordo com o Dicionário Aurélio, rejeição significa recusa, desaprovação. Ser rejeitado, desaprovado é um dos maiores medos de um adolescente dentro de um ambiente escolar.

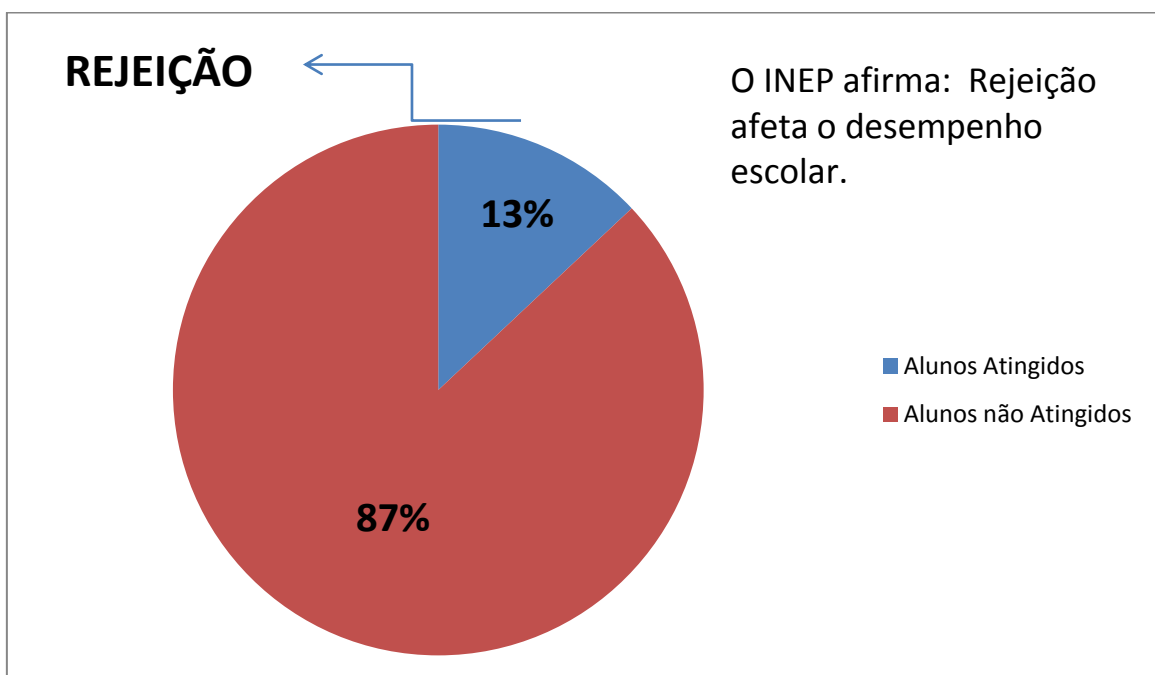
Existe na natureza humana necessidade de aceitação, de ser inserido num grupo, de pertencer e um grupo social. Para Argyle (1976, p. 9), indivíduos que são aceitos e que se aceitam tem maior probabilidade de virem a aceitar e respeitar os outros.

Crianças que experimentam rejeição constante levam essa experiência, considerada negativa para suas vidas, para os mais diversos contextos em que se acha inserida, escreve Mussen (1995 apud Tonelotto, 2002, p.3). O autor ainda conclui que estudos a respeito da rejeição foram conclusivos ao afirmar que ela predispõe não apenas a baixo rendimento escolar, mas transtornos capazes de prever problemas a longo prazo, tais como envolvimento em roubos.

A rejeição que alguns estudantes sofrem na sala de aula, seja por parte dos colegas ou dos professores, tem impacto no desempenho escolar, principalmente entre as crianças da 4ª série do ensino fundamental. A média de rendimento dos alunos que se sentem “deixados de lado” na turma fica abaixo da obtida por aqueles que não vivenciam a mesma situação. Os dados constam do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que revela, pela primeira vez, a influência da rejeição e da amizade na sala de aula no desempenho do estudante.

A seguir, o gráfico do INEP demonstrando porcentagens de rejeição em sala de aula.

Gráfico 1 - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – (INEP)



Fonte: [HTTP://www.portal.inep.gov.br](http://www.portal.inep.gov.br)

“Esses dados devem ser tratados a partir da ideia de que a existência de um ‘clima escolar’ harmonioso e voltado para o aprendizado eleva o desempenho médio dos estudantes. Fatores como amizade e rejeição influem na construção de um ‘clima’ favorável ou desfavorável ao aprendizado”, explica Carlos Henrique Araújo, diretor de Avaliação da Educação Básica do INEP. Segundo ele, deve-se levar em conta a existência de outras variáveis que definem o fator “clima escolar”, como a expectativa do professor em relação ao sucesso do estudante e a cooperação entre os docentes e deles com a direção da escola.

Abaixo um dos gráficos elaborados a partir de duas questões feitas a alunos da 8ª série do ensino fundamental, divulgado no site do Inep/MEC:

Quadro 1 – Sociograma I do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP

Na sua turma você se sente deixado de lado?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sim	219,89	12,2 %
	Não	233,85	87,0 %
	Sem resposta	-	0,9 %
	Total	231,96	100 %
Matemática	Sim	238,31	12,9 %
	Não	246,14	86,4 %
	Sem resposta	-	0,7 %
	Total	244,97	100 %

Fonte: Inep/MEC

Quadro 2 – Sociograma II do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP

Você tem muitos amigos na sua turma?

DISCIPLINA		MÉDIA	% DE RESPOSTA
Língua Portuguesa	Sim	232,20	86,3 %
	Não	231,49	12,9 %
	Sem resposta	-	0,8 %
	Total	231,96	100 %
Matemática	Sim	245,43	85,8 %
	Não	242,90	13,7 %
	Sem resposta	-	0,5 %
	Total	244,97	100 %

Fonte: Inep/MEC

A partir dos dados dos sociogramas do INEP e das perguntas feitas aos alunos, nota-se que foram identificados alunos deixados de lado e com poucos amigos, índice preocupante para o governo federal, já que pode afetar o desempenho escolar.

O que um aluno será no futuro, muitas vezes é determinado pelo tipo de relacionamento que ele possui com outros. Sobre pertencer a um grupo, Nascimento (2003, apud, Brancher, 2008, p. 43), afirma que o sentimento de pertença a um grupo é tão importante ao ser humano que ele pode desajustar-se quando não consegue construí-lo.

Para Lewis e Wolkmar (1993, apud, Brancher, 2008, p. 43), identificar-se com um grupo é fundamental para a formação individual e pode-se observar que o indivíduo cumpriu com sua tarefa social através das manifestações claras do desenvolvimento de sua personalidade, em especial, a definição da própria identidade, fato que incide em diferentes grupos sociais

Vários estudos na atualidade vêm a confirmar a existência de determinados indicadores que podem servir para a aceitação e rejeição social. Esses determinantes, segundo Sisto e Pacheco (2004, apud, Brancher, 2008, p. 43), são aprendidos através dos contatos sociais, principalmente quando a criança entra na escola e passa a ter contato com vários grupos sociais.

Morais (2001, apud, Brancher, 2008, p. 44), afirma que existem riscos à personalidade em se viver rejeição social por muito tempo, levando pessoas a problemas de ajustamento social atual e futuro. Estudos realizados por Coie e Dodge (1982, apud, Brancher, 2008, p. 44), comprovaram que as crianças rejeitadas e também as negligenciadas desenvolveram problemas de ajustamento psicossocial.

O ambiente escolar em si, é relativamente propício à busca pela popularidade. São os seriados de televisão, livros para o público adolescente, revistas, entre outros, que valorizam os populares da escola, e nem percebem que estão de forma indireta incentivando rejeição e, conseqüentemente o preconceito.

Podemos dizer, então, que a exclusão social em um grupo está fortemente vinculada aos processos de estigmatização e preconceito, gerando conseqüências tanto a nível grupal quanto individual.

De acordo com Martins (2002, apud, Brancher, 2008, p. 44), o Brasil sempre foi, nas bases da constituição histórica, um país de exclusões, fato que permanece até os dias atuais. Mesmo que as raízes históricas não possam ser apagadas, permitir por falta de ação, que nossos alunos pratiquem exclusão de alunos, através de rejeição, e levando ao preconceito, é omissão.

Segundo Blin (2005. p. 63), os professores podem prevenir seus efeitos, diversificando suas práticas de gestão de aula, propondo agrupamentos variados em função dos objetivos de aprendizagem. Quando a escola é consciente de que a rejeição.

Conscientes de que a rejeição predispõe a baixo rendimento escolar, causa transtornos familiares, sociais, doenças e desajustes por toda vida, cabe à escola a função de identificar focos de rejeição e trabalhar de forma individual para que haja redução ou solução do problema.

Nesse momento vem a proposta de trabalhar em pequenos grupos, em sala de aula e praticar a socialização, defendido pela Pedagogia Social.

CAPÍTULO 2 - PEDAGOGIA SOCIAL

Caro (2011, p. 4) escreveu que, hoje já é comum a ideia de que a educação não se limita de forma exclusiva ao contexto escolar. O educador faz parte de um sistema mais amplo – espaço escolar e extraescolar, no qual se forma o indivíduo. Nesta perspectiva, pode-se justificar a ideia de entender a educação social como uma ação educadora da sociedade.

Essa mesma autora afirma que em uma instituição escolar, que deve atender múltiplas demandas, a educação social pode desempenhar um importante papel e facilitar a integração de distintos ambientes educativos e aproximar seus respectivos projetos formativos.

2.1. - Pedagogia Social e Socialização

A ideia básica da Pedagogia Social é, segundo Böhnich (1997, apud OTTO, 2009, p. 37), promover o funcionamento social da pessoa: a inclusão, a participação, a identidade e a competência social como membros da sociedade e ainda procura responder perguntas a respeito do processo de integração do indivíduo à sociedade.

São considerados objetos da Pedagogia Social dois campos distintos: o primeiro refere à socialização do indivíduo, que pode ser desenvolvida por pais, professores e família; o segundo relacionado ao trabalho social, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar e pelo educador social. O Educador Social é o profissional da pedagogia social, segundo Machado (2009, p. 143).

Petrus (1997, apud MACHADO, 2009, p. 143), analisa os enfoques da educação social e afirma que ela é compreendida como sinônimo de correta socialização e é definida como ação educadora da sociedade.

De acordo com Ortega (2009 apud CARO, 2011, p. 7), a educação social deve, antes de qualquer coisa, ajudar a ser e a conviver com os outros: aprender a ser com os outros e a viver juntos em comunidade. Portanto, os objetivos poderiam sintetizar-se na integração do indivíduo com seu meio social, com capacidade crítica para melhorá-lo e transformá-lo.

2.2. - A Contribuição da Pedagogia Social

Durante uma aula inaugural¹, Lievegoed (1955), afirmou que a Pedagogia Social está relacionada ao “aprender pela vida” e enfatiza a necessidade de existir uma concentração de experiências sociais para que o aprender pela vida se concretize. Essas experiências sociais citadas podem ser criadas pelo pedagogo para o aluno ou por um grupo de adultos para o próprio grupo. Segundo Lievegoed (1955), Pedagogia Social em sua execução prática pode também se caracterizar como a educação de grupos pela qual o indivíduo no grupo amadurece socialmente.

O pedagogo social se utilizará das situações reais que surgem, terá que desenvolver presença de espírito e a atitude de ele mesmo querer aprender continuamente e ainda estar certo de que não se trata de transferir conhecimentos ou habilidades e sim desenvolver um programa que se desenrola no grupo.

2.3. – Um pouco da história da Pedagogia Social

A primeira obra que sistematiza a Pedagogia Social é publicada em 1898, escrita por Paul Natorp (1854-1920), filósofo neokantiano², e intitula-se Pedagogia Social - Teoria da educação e da vontade sobre a base da comunidade. O autor defende, como um dos conceitos básicos, a comunidade, contrapondo-se ao

¹ Aula inaugural por ocasião de sua investidura na função de professor catedrático em Pedagogia Social pela Fundação para Promoção da Pedagogia Social na Escola Superior de Economia de Rotterdam.

² Expressão relativa a discípulos de E. Kant.

individualismo, que considera origem e causa dos conflitos sócio-políticos da Alemanha.

Assim, a educação vincula-se à comunidade e não aos indivíduos. Procura elaborar uma teoria sobre a educação social, concebendo a Pedagogia Social como saber prático e como saber teórico (QUINTANA,1997, apud, Machado, 2002, p. 4).

O nome mais importante da Pedagogia Social é Paul Natorp (1854-1920). A comunidade é, para ele, a condição que possibilita todo o progresso e o ideal a que deverá referir-se qualquer ação educativa. Parte da relação indivíduo-comunidade e põe uma ênfase especial na ideia de que o ser humano é, sobretudo, um ser social, de tal maneira que só poderá chegar a ser homem mediante a comunidade: toda a atividade educativa se realiza sobre a base da comunidade.

Portanto, a Pedagogia Social não é, para Natorp, uma parte da pedagogia geral, como sustentam outros autores da época, mas “a pedagogia”. É a pedagogia contemplada a partir de uma determinada perspectiva, precisamente a da comunidade social. Natorp é reconhecido como o fundador da Pedagogia Social (Quintana, 1997, apud, Machado, 2002, p. 4) e atualmente é reconhecido como o criador de uma tendência, de uma escola, a da Pedagogia Sociológica, que é uma parte da Pedagogia social, uma ciência com múltiplas funções.

2.4. – A Pedagogia Social no Brasil.

A Pedagogia Social não é uma doutrina científica, mas um âmbito de intervenção assim como a família e a escola; onde não chega a ação pedagógica. Portanto, a pedagogia Social exerce uma ação subsidiária. O mais central do trabalho social pedagógico concreto está na relação educativa estabelecida entre o educador e os educandos.

Pode-se afirmar que Paulo Freire (1921-1997) é a referência nacional da Pedagogia Social e que sua obra é reconhecida internacionalmente nesta perspectiva .(MACHADO, 2009. P. 140)

A pedagogia de Freire difundiu-se e influenciou nas campanhas de alfabetização e na educação em geral. Com uma pedagogia “não autoritária”, a pedagogia do oprimido tem como objetivo central a “conscientização” como condição para transformação social, implicações políticas que transcendem a educação escolar registra Torres (1992).

No Brasil, os trabalhos relativos à Pedagogia Social são ainda mais recentes. Atualmente, são diversos os estudiosos que se dedicam à compreensão do processo educacional pelo viés social.

Os primeiros estudiosos da Pedagogia Social no Brasil foram Roberto da Silva, Stella Graciani, Geraldo Calliman, Rogério Moura, João Clemente, Sueli Caro, Evelcy Machado. (SOUSA NETO, 2009)

A escola de hoje assume funções sociais que no fundo seriam próprias da família e da sociedade. A ela atribui-se não somente os processos de ensino-aprendizagem, mas, cada vez mais, delega-se a solução de grande parte dos problemas sociais do aluno. Segundo Caliman (2010, p. 341), a Pedagogia Social se propõe a fazer a ponte entre os processos de ensino-aprendizagem e à dimensão sócio-pedagógica.

Nem sempre os problemas de um aluno têm sua origem dentro do sistema escolar, mesmo sendo uma tendência acreditar que a escola deva resolver todos os problemas relacionados ao aluno.

De acordo com Caliman (2010, p. 341), a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a rejeição e exclusão social.

A Pedagogia Social encontra respaldo na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases. De acordo com o Art. 205 da Constituição Federal, a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na Lei de Diretrizes e Bases, Art. 1, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Graças aos Congressos Internacionais de Pedagogia Social³, a tendência é que a Pedagogia Social seja concebida como uma ciência do rol das Ciências da Educação que se ocupa da educação social dos seus alunos.

A educação não formal atinge hoje, locais que a educação formal não atinge.

Atualmente, concebem-se três tipos de educação: educação informal, educação formal e educação não-formal.

A educação formal ocorre no espaço da escola que, nas palavras de Gohn (2006, p. 29) “são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”.

Sobre a finalidade da educação formal, afirma ainda Gohn (2006, p. 29), “destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade, etc”.

Quase que de maneira oposta à educação formal, a educação informal não é organizada, não há conhecimentos sistematizados e são repassados a partir de práticas e experiências anteriores. De acordo com Gohn (2006, p. 30) é um processo permanente e não organizado, tendo como agentes educadores a família (especialmente os pais), amigos, vizinhos e colegas de escola, dentre outros.

Para referir-se à educação não-formal, Gohn (2006, p. 28), afirma que é a aprendizagem referente ao “mundo da vida”, por meio de processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. A educação não-formal acontece fora do ambiente escolar, não visa certificação.

³ Congressos Internacionais realizados na USP – 2006, 2008 e 2010

Destaca também Machado (2002, p. 3), que questões ecológicas, ambientais, índio, mulher, entre outros, inclui-se como educação não-formal. Surgem outras demandas com atendimento em programas fora da escola regular formal – em geral desvinculados da Pedagogia Social.

São muitas as tendências atuais da Pedagogia Social. Para Quintana (1988, apud, Machado, 2002, p. 3), as concepções presentes nos diversos autores podem ser organizadas em cinco grupos:

- Pedagogia Social como doutrina da formação social do indivíduo – representa o modo clássico de compreender a Pedagogia Social, que está latente na história da Pedagogia e é entendida como parte da Pedagogia Geral. Refere-se a preposições da educação para a vida em sociedade por intermédio de processos de socialização.
- A Pedagogia Social como doutrina da educação política e nacionalista do indivíduo – como maneira radical de implementar a concepção anterior, compreende a educação do indivíduo para a sociedade, sendo esta identificada com o Estado.
- A Pedagogia Social como teoria da ação educadora da sociedade – referem-se a propostas de extrair das cidades suas potencialidades educadoras. Extrapola-se da escola para a educação extraescolar.
- A Pedagogia Social como doutrina de beneficência pró-infância e adolescência – uma concepção voltada para atender a necessidades sociais, que extrapola a visão tradicional da educação escolar por se propor a intervir na sociedade.
- A Pedagogia Social como doutrina do sociologismo pedagógico – objetiva a incorporação dos indivíduos a estruturas e circunstâncias sociais, sendo mais que uma disciplina ou corrente pedagógica, tornando-se uma Pedagogia Sociológica.

É possível que profissionais da educação, de forma criativa, desenvolvam atividades fora do ambiente escolar, ou dentro (horário alternativo) em que possam ser trabalhados temas diversos, onde conceitos de socialização, equipe, rejeição sejam tratados e amenizados. Caliman (2010, p. 354), acredita na criatividade do povo brasileiro em “inventar novos processos educativos fora da escola é evidente na grande quantidade de instituições e atividades não formais voltadas para a educação: a escola aberta nos finais de semana, atividades de lazer e de esporte, centros juvenis, oratórios, atendimento ao menor aprendiz, creches comunitárias, entre outros.”

Mesmo a educação não formal tendendo a acontecer muito mais fora do que dentro dos ambientes escolares e formais, “ela pode coincidir também com os espaços escolares na medida em que a realidade brasileira impôs que a escola assumisse gradativamente as funções sociais, em detrimento de funções didático-pedagógicas.” (CALIMAN, 2010, p.344).

Sendo a educação um processo que se inicia na família, continua na escola e na vida, através dos vários grupos sociais dos quais o indivíduo fará parte, o governo federal vem promovendo atividades nas escolas em horários alternativos, com objetivo de alcançar toda sociedade.

2.5. - Programa Escola Aberta – PEA

O Governo Federal, através do Ministério da Educação, desenvolveu em 2007 o Programa Escola Aberta⁴. O Programa Escola Aberta se propõe a promover a ressignificação da escola como espaço alternativo para o desenvolvimento das atividades de formação, cultura, esporte, lazer para os alunos da educação básica

⁴ Programa Escola Aberta – disponível em:

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/proposta_pedagogica.pdf

das escolas públicas e suas comunidades nos finais de semana. A proposta é de formação integral, capaz de desconstruir o muro simbólico entre a escola e a comunidade e entre a educação, cultura, esporte e lazer.

O Programa Escola Aberta é executado de forma descentralizada a partir da adesão das escolas participantes e do envolvimento das comunidades. Os objetivos específicos desse programa são:

- Promover e ampliar a integração entre escola e comunidade.
- Ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania.
- Contribuir para a redução das violências na comunidade escolar.

De acordo com o Programa Escola Aberta, reduzir a violência na comunidade escolar, trata-se, de:

É necessário explicitar que a expressão “comunidade escolar” acima referida tem o sentido atribuído pela literatura educacional; inclui, portanto, diretores, coordenadores, professores, assistentes educacionais, pais, alunos e comunidade onde a escola está inserida. Assim, embora os profissionais da escola não sejam obrigados a participar das atividades que se desenvolvem durante os finais de semana, abre-se a possibilidade de aproximação entre o cotidiano da escola e a vida da comunidade, transformando o espaço físico da escola em local de convivência e aprendizagem para as famílias que habitam o bairro em que a escola se encontra. (BRASIL- MEC,2007.pág.14)

De acordo com o Ministério da Educação, a utilização do plural para a palavra “violência” refere-se ao fato de que o programa não tem a pretensão de obter a redução da violência urbana em sentido amplo mas, sim, resultados no que se refere a algumas violências ocorridas no ambiente em que as atividades são desenvolvidas: depredação da escola, furto, violência física e verbal, além de outras.

O programa pode contribuir para a ressignificação da escola pela comunidade e para a construção do pertencimento por alguns alunos, mais especificamente para alguns grupos de alunos diretamente ligados a fenômenos de violência escolar como reação ao fracasso na aprendizagem e à violência simbólica exercida pela escola.

O Programa pretende, ainda, transformar a escola em um ambiente mais atuante e presente na vida dos jovens e suas comunidades, promovendo maior diálogo, cooperação e participação entre os alunos, pais e equipes de profissionais que atuam nas escolas, além de contribuir para a complementação de renda das famílias.

Partindo dos objetivos específicos, citados acima, propõem-se os seguintes princípios a serem observados no planejamento das oficinas e nas abordagens dos seus conteúdos:

- Solidariedade (ética da cooperação)
- Respeito à diversidade: cultural, étnica, lingüística, religiosa, de orientação sexual, de classe social
- O trabalho como meio de transformação do homem e da sociedade
- Preservação do meio ambiente (patrimônio natural e construído)
- Autonomia
- O lazer como direito social e como tempo e espaço de organização

Muitos jornais e revistas trazem notícias sobre projetos ligados à Escola Aberta, sobre escolas que abrem o espaço nos finais de semana para atividades diversas e envolvem alunos, professores e comunidade. Observe o recorte a seguir:

Fim de Semana nas Escolas abre unidades de ensino à comunidade.

O projeto Fim de Semana nas Escolas, das secretarias de Educação, Cultura e de Governo, mobilizou neste sábado mais de 4.500 pessoas em 12 unidades escolares da Baixada Fluminense e da Zona Oeste do Rio. As escolas ficaram abertas nesse dia para a realização de atividades culturais e de lazer. Equipes multidisciplinares, compostas por psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, educadores sociais, recreadores e professores de educação física ofereceram atividades variadas dentro do tema proposto para este dia: Entusiasmo.

(Fonte: [noticias.site da baixada.com.br](http://noticias.site.da.baixada.com.br)-25/05/2010)

Quando a escola se cadastra no programa Escola Aberta assume um compromisso com o Ministério da Educação e passa a ser avaliada. O exemplo citado acima demonstra uma equipe multidisciplinar, onde a atividade passa a ser bem mais abrangente tornando mais possível realizar atividades variadas de socialização e recreação.

O Programa Escola Aberta acontece no Recife-PE e vem alcançando ótimos resultados ao reduzir em 30% a violência nos finais de semana a partir do momento em que as escolas da periferia começaram a ficar abertas aos sábados e domingos.

Programa que abre escolas no fim de semana reduz violência em até 30% na periferia de Recife.

Publicado em 2000 pela UNESCO, Ministério da Justiça e Instituto Ayrton Senna, com base em dados do Ministério da Saúde (Datasus), o Mapa da Violência 2 revelou que o número de jovens assassinados nos finais de semana no Brasil é quase o dobro dos mortos em dias de semana. A constatação empírica acabou virando política pública de sucesso com o programa Escola Aberta, que desde 2002 mantém escolas de periferia em pleno funcionamento aos sábados e domingos deixando ocupados jovens que normalmente tem pouco ou nenhum acesso a lazer e cultura.

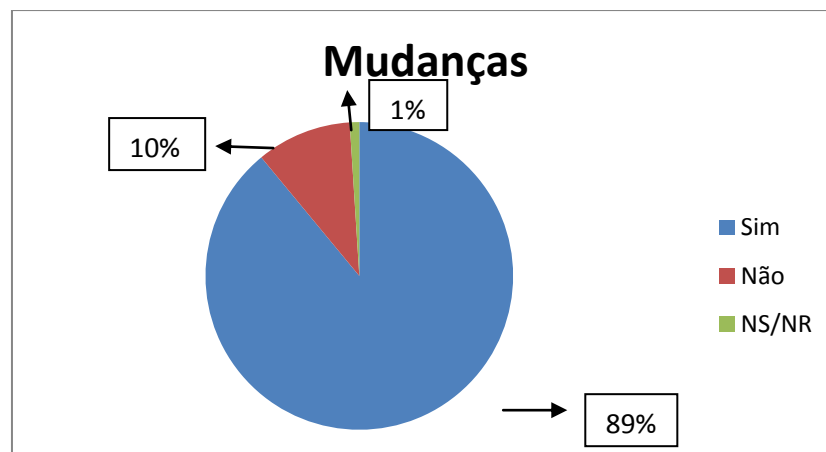
(Fonte: www.comunidadessegura.org - [Marcelo Monteiro](#) 08/07/2006) .

Em uma avaliação realizada em 2003 pela coordenação do Projeto Escola Aberta, fez-se uma relação forte entre o uso desse espaço de lazer e a diminuição da violência. Dados da UNESCO revelaram nos lugares onde estão situados o Projeto Escola Aberta uma reversão do quadro de violência na Região Metropolitana do Recife⁵. Esses resultados, segundo Leão (2005), têm estimulado a expansão do projeto para o interior do Estado e também para outros estados do Brasil.

Após uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Joaquim Nabuco⁶ – Programa Escola Aberta: alternativa de lazer e cultura para a comunidade, gráficos disponibilizados demonstram os pontos positivos e negativos do Programa. Foram aplicados 490 questionários aos beneficiários do PEA a partir dos 8 anos de idade. O objetivo principal seria obter informações mais aprofundadas sobre o programa.

A pesquisa revelou que o fato de participar das atividades do PEA possibilitou mudanças na vida de quase 90% dos entrevistados (ver gráfico).

Gráfico 2 - Mudanças ao participar no PEA



Fonte: Pesquisa direta, Fundaj, 2008.

⁵ Waiselfisz, Júlio Jacobo. Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco / Júlio Jacobo Waiselfisz e Maria Maciel – Brasília: UNESCO, 2003.

⁶ Fundação Joaquim Nabuco – órgão ligado ao Ministério da Educação.

A seguir o modelo do roteiro de entrevista feito aos participantes do Programa Escola Aberta.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação

- Nome
- Escola
- Cargo que ocupa/tempo de ocupação

Programa Escola Aberta/impacto no comportamento/dificuldades

* Frequência média no final de semana (por sexo, por idade)

* Mudanças de comportamento

- relação com amigos
- relação com familiares
- relação com escola/professores
- melhora da auto-estima/ auto-valorização
- oportunidade de acesso às manifestações culturais e ao esporte
- impacto em diferentes grupos etários
- atividades oferecidas
- atividades que mais despertam o interesse dos participantes
- principais dificuldades do funcionamento do Programa
- sugestões para a melhoria da qualidade das atividades e do Programa

Os pesquisados, jovens em sua maioria, relatam que ao frequentarem os espaços das escolas públicas nos finais de semana, têm a oportunidade de vivenciar novas brincadeiras e diversões. Concomitantemente o PEA oferece a possibilidade de aumentar o círculo de amizades, conhecer mais pessoas, abrir novas perspectivas para a melhoria do convívio social com familiares, colegas, professores e ampliar o aprendizado.

Essa educação não-formal que se amplia nas cidades é para Trilla (1996, apud, Machado, 2002, p. 3), “o conjunto de processos, meios e instituições específicas organizadas em função de objetivos explícitos de formação ou instrução que não estão diretamente vinculados à obtenção de graus próprios do sistema educativo formal”. Portanto, de acordo com Machado (2002, p. 3), é distinta da

escola, mas é ato planejado, intencional e apresenta organização específica. Tal espaço está presente na LDB/96 que amplia a concepção de educação incluindo novos agentes e espaços educativos.

Dessa forma, conclui Caro (2011, p. 8), a preocupação com a educação, sem dúvida, nos remete ao desejo de mudança, de inovação, de buscar novos caminhos. Qualquer aspecto que colabore para uma convivência mais harmoniosa, será sempre muito bem vindo. Acrescenta Petrus (1999, apud, Caro, 2011, p. 8), a educação social, vai além de solucionar determinados problemas de convivência, tem função de ser um instrumento igualitário e de melhoria da vida social e pessoal.

CAPÍTULO 3 - UMA CONTRIBUIÇÃO DOCENTE

Aprender a trabalhar com grupos na sala de aula continua sendo um desafio para as escolas. A sala de aula é heterogênea e formar grupos é ter que ensinar a lidar com conflitos, diferenças de pensamento, aceitação e rejeição.

3.1. – Sociograma – Construção e Análise

O educador pode utilizar diversas formas para identificar ou confirmar conflitos em sala de aula. De acordo com Saravali (2004, p. 84) “o professor que, já possui uma série de informações sobre seus alunos, pode empregar o teste sociométrico⁷ como um instrumento a mais na compreensão, reformulação e reflexão sobre o que já conhece a turma”.

De acordo com Weinberg & Gould (2006), o sociograma é um instrumento que, corretamente aplicado, mostra o modo como os indivíduos de um grupo se relacionam uns com os outros, se existem subgrupos dentro do grupo principal e se alguns membros estão socialmente isolados. Desta forma, o sociograma promove um mapeamento do grupo, sendo um medidor de coesão social.

De acordo com a proposta de Iverson e Iverson (1996), o sociograma é um instrumento utilizado para verificar a popularidade e rejeição dos sujeitos pelos colegas. É composto por duas questões a serem respondidas; a primeira questão refere-se à indicação de três colegas com os quais o aluno prefere brincar/e ou trabalhar nas atividades de sala de aula e a segunda questão refere-se a indicação de três colegas com os quais ela evitar brincar/e ou trabalhar nas atividades de sala de aula. A cada marcação é atribuído um ponto, para cada um dos aspectos.

⁷ teste que fornece informações sobre o *status* do indivíduo dentro do grupo e as relações de simpatia e antipatia que surgem entre os seus membros.

Vários pesquisadores têm utilizado esse método, não de forma exclusiva, mas sim como complemento de pesquisas para averiguar problemas escolares e sociais. Tonelotto (2002) utilizou esse método em sua pesquisa para verificar a popularidade e rejeição dos sujeitos estudados, Bacete (2006) fez comparações com o método sociométrico e Conceição (2004) aplicou o método com objetivo de oferecer subsídios para construção de propostas pedagógicas de atendimento a meninos de rua.

O teste sociométrico é uma ferramenta de grande utilidade, criada por Moreno⁸ (1992), e usada no ensino para conhecer a natureza da turma enquanto grupo e as características individuais dos alunos, no que respeita a aspectos de relacionamento, integração, sociabilidade, etc.

Moreno colocou em prática o teste sociométrico, teste que fornece informações sobre o status do indivíduo dentro do grupo e as relações de simpatia e antipatia que surgem entre os seus membros. Focalizou o pequeno grupo, que analisou e tratou segundo uma sofisticada e original teoria que passou a ser chamada de sociometria.

A aplicação e análise destes vai permitir-nos obter indicadores importantes, para que futuramente possamos, por exemplo, formar pequenos grupos de trabalho ou efetuar a distribuição pelas mesas da sala, distribuindo-os de forma heterogênea, tendo em conta as características de cada um; de maneira a que exista entre eles e também na turma em geral, o melhor ambiente de trabalho possível, para uma boa consolidação das aprendizagens.

Durante a coleta de dados e entrevistas com professores e alunos, foi identificada uma turma que, de acordo com os professores, que possui alunos com problemas de socialização, dificuldades de se agrupar e podendo ser identificado como rejeição e exclusão.

⁸ Jacob Levy Moreno - psicossociólogo

Como um instrumento a mais de compreensão e como material que poderá ser utilizado pela orientação educacional no futuro, essa turma foi escolhida para a aplicação do teste sociométrico e construção de um sociograma. Lembrando ainda que essa pesquisa tem caráter diagnóstico e não de intervenção.

Método

- construção de um sociograma

Turma escolhida:

- identificada como Turma 9A/2010
- composta por 39 alunos, ambos os sexos e faixa etária de 14 anos.

Objetivo:

- confirmação de alunos com dificuldade de socialização e tendências à rejeição na sala de aula.

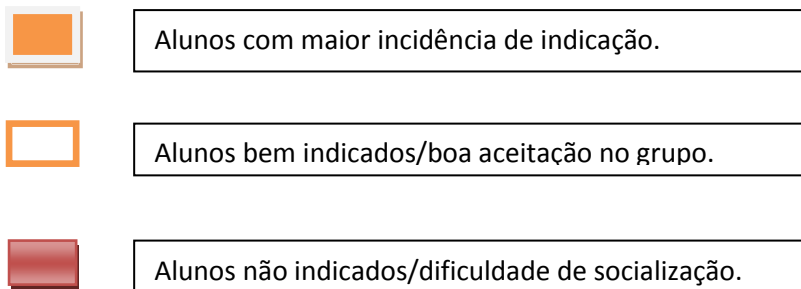
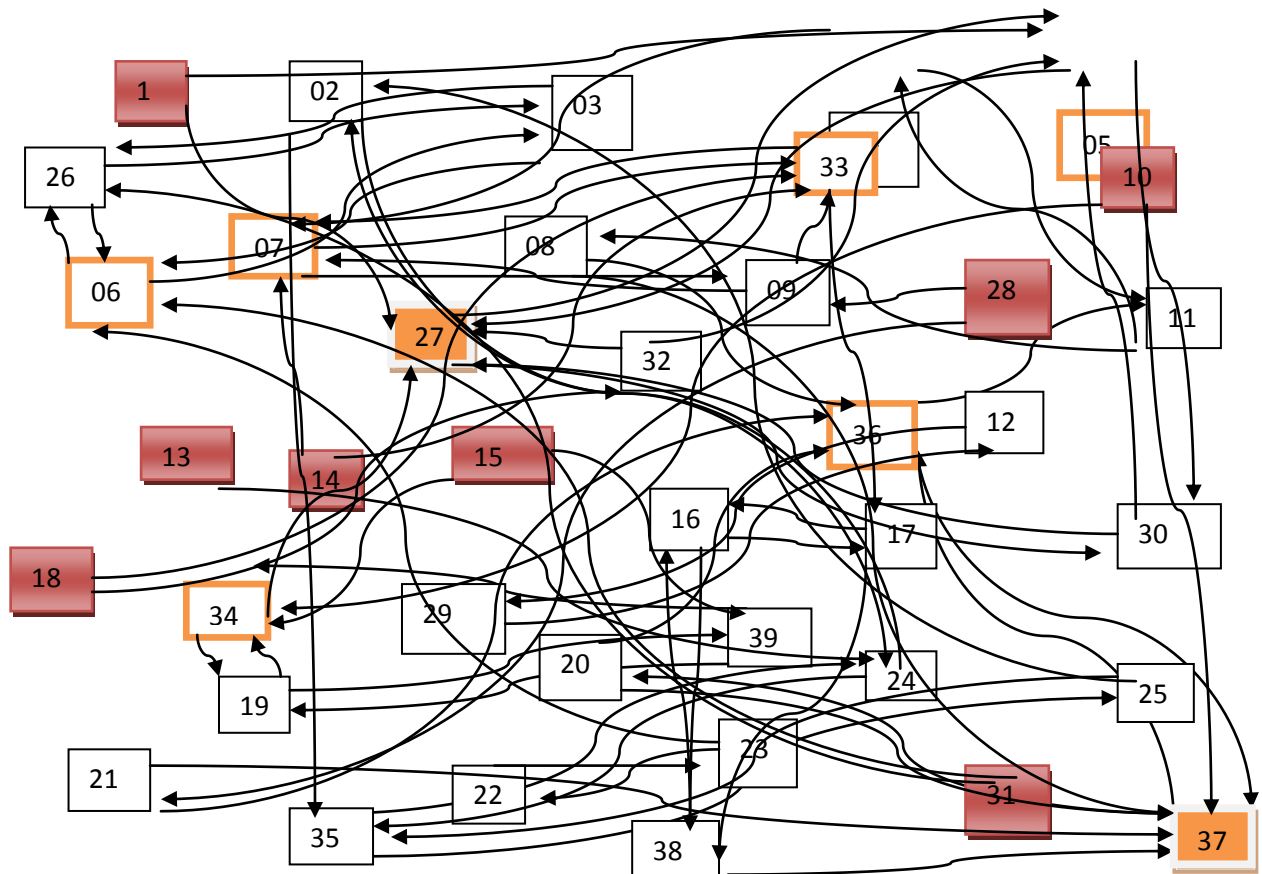
No dia agendado a turma foi submetida a uma atividade realizada pelo pesquisador, que já havia solicitado autorização prévia aos pais e da escola. De acordo com a explicação feita para toda classe, cada aluno recebeu um primeiro papel com uma pergunta, que deveria ser respondida sem conversa, para evitar influência dos demais da classe. E, após todos os alunos terem terminado, receberam um novo papel com outra pergunta, e o procedimento ocorreu da mesma forma.

As atividades respondidas pelos alunos, em cada um dos papéis foram:

01. Escolha dois alunos da classe com os quais você gostaria de fazer um trabalho em grupos.
02. Escolha dois alunos da classe com os quais você não gostaria de passar o intervalo.

Após todos os alunos terem terminado, os papéis forma recolhidos, analisados e o sociograma foi montado para verificação dos dados. Abaixo o sociograma da Turma 9A/2010.

Figura 1 – Sociograma – Turma 9ª/2010



Por se tratar de uma turma de Formandos – Ensino Fundamental II, e a maioria dos alunos já estudam juntos desde o Jardim da Infância, nota-se que possuem afinidades, laços de amizade, que não impede a formação de preferências, pequenos grupos, podendo levar à rejeição de alguns.

Observando a figura do sociograma acima, nota-se um número bastante pequeno de alunos que são muitas vezes indicados, esse resultado é observado pela quantidade de setas em direção a esses alunos. Nota-se também um grande número de alunos que são indicados poucas vezes, mas sempre são indicados. Um fato importante que indica que esses alunos não estarão sozinhos durante a realização de alguma atividade.

Após a análise dos dados, os índices mais preocupantes são dos alunos não indicados por seta, nenhuma vez.

Ao analisar um sociograma da sua turma, o professor poderá ter um conhecimento maior, sabendo, por exemplo, sobre líderes e sobre rejeitados, enfim, crianças mais ou menos escolhidas. Uma ação bem direcionada poderá facilitar e até melhorar as relações interpessoais. (SARAVALI, 2004, p. 85).

Observações relevantes ao assunto são destacadas, após algumas verdades e curiosidades serem observadas:

- Os amigos se escolhem entre si.
- Os *nerds*⁹ são escolhidos até por alunos que não são amigos.
- Os excluídos escolhem os melhores alunos da classe.
- Alunos com posição social inferior ao grupo são excluídos.
- Alunos muito tímidos inibem outros alunos e ficam isolados.
- Alunos que possuem atitude, iniciativa, sempre são escolhidos.
- Alunos que dificultam o trabalho do grupo (não produzem), acabam sendo excluídos.

⁹ Nerd – uma pessoa que exerce intensas atividades intelectuais que são consideradas inadequadas para sua idade. (fazem atividades adequadas para pessoas adultas e com muita facilidade)

De posse de resultados como os destacados acima, um professor capacitado ou uma orientadora educacional, pode criar métodos, discutir com os demais professores, preparar atividades direcionadas, palestras, com a finalidade de inibir algumas atitudes que possam levar à exclusão. Exclusão que gera baixo rendimento escolar e, conseqüentemente transtornos para uma vida inteira.

Entre as qualidades dos alunos mais citados durante a pesquisa, através de conversa com a turma e anotações, foram constatados:

- Humildade
- Amizade
- Simplicidade
- Companheirismo
- Bom caráter
- Sabedoria

Para confirmar que os alunos que não foram indicados, nenhuma vez, seriam alvo de algum tipo de rejeição, em conversa informal, conseguimos listar algumas características desse pequeno, mas muito representativo grupo:

- Timidez.
- Dificuldade de terminar o trabalho solicitado.
- Dificuldade de expressar-se perante o grupo.
- Poucos amigos.
- Baixo rendimento acadêmico.
- Problemas de higiene.

O aluno tímido, com notas baixas, que não sabe cumprir com o que lhe foi determinado e que possua problemas de higiene, tem suas dificuldades acentuadas quando estão em grupo. Mas, a escola com sua função socializadora pode, de acordo com Bonals (2003, p. 37), contribuir, pois “a organização da turma em pequenos grupos estabelece uma excelente condição para que os alunos e as alunas melhorem as habilidades sociais e aprendam a compatibilizar suas convivências com as necessidades dos demais”.

Permite aos alunos entender, como conquista valiosa, a apropriação das habilidades sociais mencionadas e as atitudes de boa disposição para com as necessidades do outro. Ao mesmo tempo, essa organização propicia aos alunos ótimas condições para melhorar sua capacidade para dialogar, para aprender a chegar a acordos por meio do diálogo.

3.2. – Questionário dos Alunos: Gráficos e Análise

Os gráficos e questionamentos que constam neste capítulo são resultados de uma pesquisa feita durante o ano letivo de 2010. Participaram desta pesquisa 37 alunos, de ambos os sexos, com faixa etária de 14 anos e, matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola do interior do Estado de São Paulo.

Por se tratar de uma escola particular, é importante ressaltar que se trata de alunos de várias classes sociais, e ainda que, na mesma classe existem alunos bolsistas parciais e integrais.

A intenção da pesquisa era observar a atitude do aluno diante da proposta de um trabalho em grupo, o envolvimento dos alunos e identificar aqueles alunos com dificuldade de relacionamento.

Foi elaborado um questionário (Anexo 1) com 10 questões sobre trabalho em grupos. As questões foram elaboradas visando resultados que pudessem contribuir com a pesquisa, portanto os alunos foram questionados sobre: gostar de trabalho em grupos, ansiedade de ficar de fora, participação do professor, etc.

O professor que, costumeiramente trabalha com sua classe em grupos, sabe da euforia da maior parte da classe quando fica sabendo que haverá um trabalho em grupo. Nem mesmo a proposta é terminada e todos já querem saber de quantos alunos serão as equipes. Fazem sinais com as mãos, um simples aceno ou até um sorriso e pronto. As equipes estão feitas. Mas, nem todas. Todo professor também sabe que há, entre os alunos da classe, alunos que não conseguem se agrupar.

Método

- questionário – 10 questões objetivas

Turma escolhida:

- identificada como Turma 9B/2010
- composta por 37 alunos, ambos os sexos e faixa etária de 14 anos.

Objetivo:

- observar a atitude do aluno diante da proposta de um trabalho em grupo e o envolvimento da classe.
- identificar alunos com dificuldade de relacionamento.

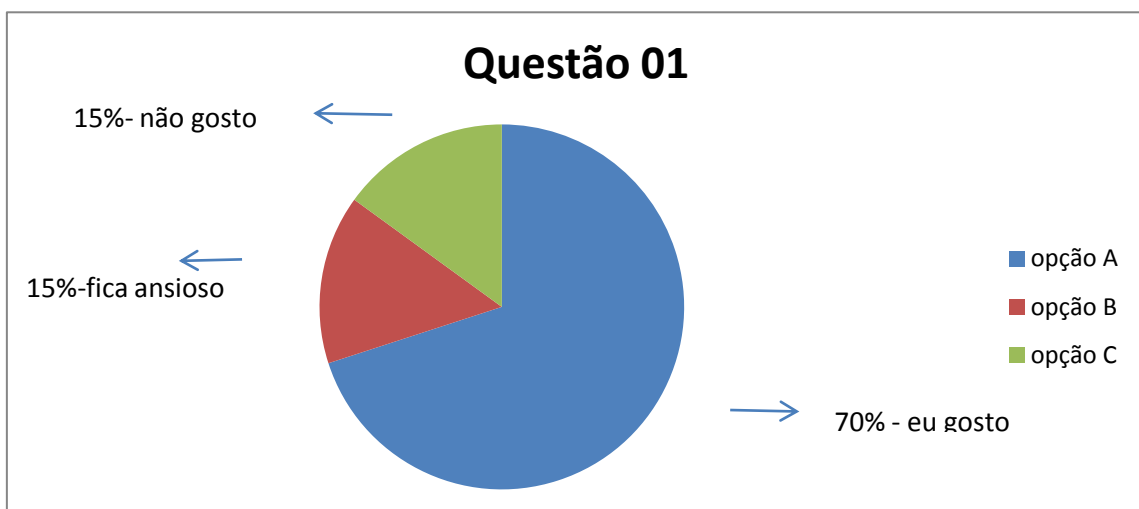
Abaixo foram construídos alguns gráficos para facilitar a visualização de algumas respostas. Foram selecionadas algumas questões para a construção dos gráficos e comentários.

Questão 01 - Quando um professor avisa que haverá um trabalho em grupo na classe, qual sua primeira reação/sentimento?

a. eu gosto

b. fico ansioso

c. não gosto



Diante das porcentagens no gráfico acima, notamos que a maioria da classe costuma gostar dos trabalhos em grupos. A porcentagem indica que 70% da classe é favorável a esse método de ensino, mas o mesmo gráfico indica 15% não gosta e que 15% fica ansioso com a proposta do trabalho. Há uma possibilidade de encontrarmos nesse grupo, após uma análise individual, alunos rejeitados ou com dificuldade de socialização. Se o trabalho em grupos exerce uma função socializadora, esse objeto de trabalho deveria ser utilizado até como ferramenta para orientação educacional, como forma de observação e identificação de problemas.

Trabalhar em grupo se aprende com a prática, quando existem as condições adequadas. O trabalho em pequenos grupos favorece o estabelecimento de relações entre os interlocutores, criando um cenário adequado para que o aluno avance na capacidade de incluir todos os componentes do grupo e, dentre eles, especialmente, os mais necessitados; isto contribui para regular adequadamente a participação de cada um, a capacidade de intervir e deixar de intervir. (BONALS, 2003, p. 16).

Trabalhar em grupo favorece a inclusão e proporciona meios de inserir todos os alunos da classe e, conseqüentemente surge uma oportunidade de socialização.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a importância dada aos conteúdos revela um compromisso da instituição escolar em garantir o acesso aos saberes elaborados socialmente, pois estes se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania democrática e a atuação no sentido de refutar ou reformular as deformações dos conhecimentos, as imposições de crenças dogmáticas e a petrificação dos valores.

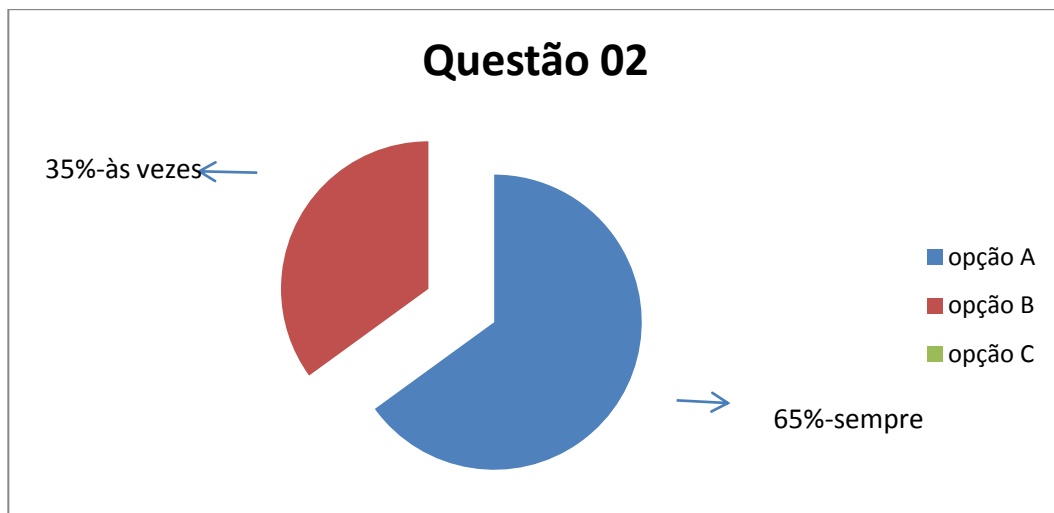
Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades. (PCNs, 1997, p. 45).

Questão 02 - Você tem facilidade de se agrupar?

a. sempre

b. às vezes

c. nunca



Mesmo a classe possuindo 65% de alunos que não encontra dificuldade de formar grupos, nota-se uma porcentagem de 35% que não tem tanta certeza. A partir dessa porcentagem inicia um trabalho de adaptação e acompanhamento.

A dúvida ao assinalar a alternativa “às vezes” pode revelar possíveis casos anteriores, onde o aluno teve algum tipo de dificuldade de encontrar um grupo para participar.

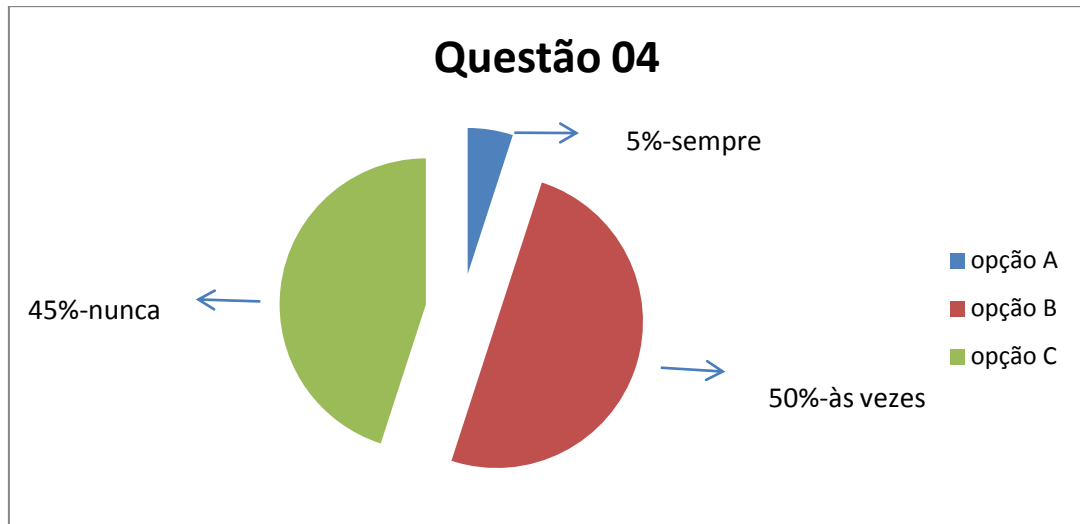
É comum encontrarmos alunos que preferem que o professor escolha os grupos e existem professores que também preferem escolher. Mas, muitas vezes deixar que o aluno escolha representa crescimento.

Questão 04 - Alguma vez você sentiu medo de ficar fora do grupo?

a. Sempre

b. às vezes

c. nunca



As respostas referentes a essa questão demonstram um índice alto de ansiedade em relação ao trabalho em grupo, responsável por 50% da classe entrevistada e 2% da classe que afirma sentir, sempre, medo de ficar fora do grupo. Talvez os professores tenham dificuldade de utilizar essa prática na sala de aula, porque até para trabalhar em grupo é necessário aprender.

As origens das dificuldades, segundo Bonals (2003, p. 18) possam estar no fato de que não nos ensinaram (professores) a trabalhar em grupos e conseqüentemente passamos isso aos nossos alunos. Ainda segundo o autor, as dificuldades são:

- Geralmente, faltam-nos habilidades para trabalhar em pequenos grupos nas salas de aula. Esse vazio acadêmico, em um tema nada fácil, nos oferece uma boa compreensão sobre o porquê das dificuldades nesta modalidade de trabalho.
- Qualquer um que trabalhe em grupo tem de ser capaz de conter-se na participação ou na decisão, em função de que os demais também possam fazê-lo, terá que estar disposto a ajudar seus colegas quando assim for preciso, terá que se permitir pedir ajuda, às vezes, além daquilo que o afeta, como seria o caso de sua timidez ou de seu amor próprio.

Essa dificuldade do aluno em se agrupar, fazer renúncias, saber calar, saber o momento certo de participar, vem muitas vezes acompanhado de professores despreparados para atuar em situações como esta. Como diz o autor acima citado, é um verdadeiro vazio acadêmico que precisa ser preenchido.

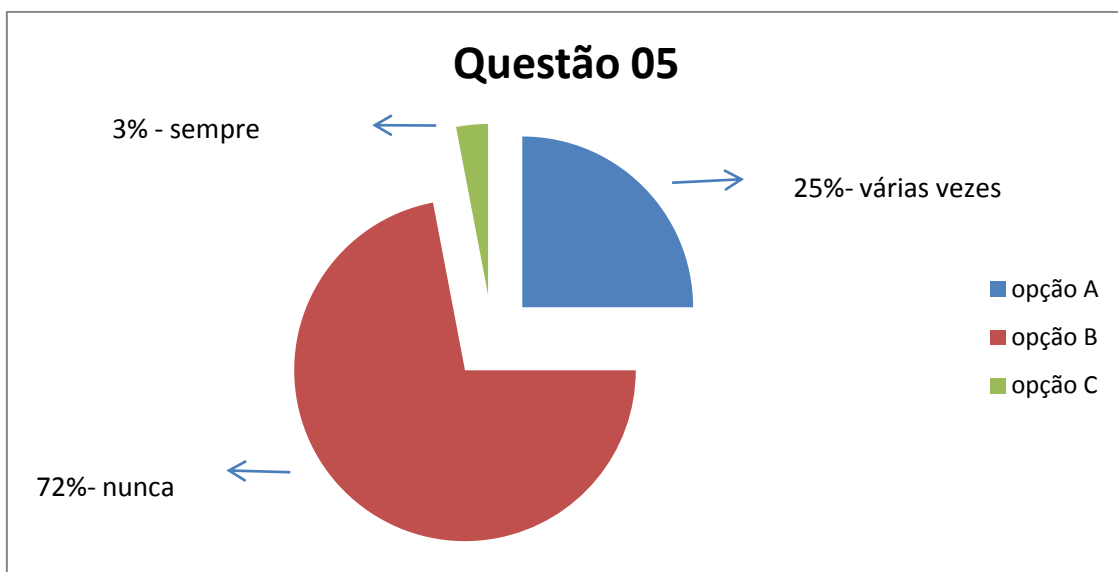
O professor – eis o grande agente do processo educacional. A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, quadras de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental-tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor. (Chalita, 2001, p. 163).

Questão 05 - Alguma vez você já ficou fora do grupo?

a. várias vezes

b. nunca

c. sempre



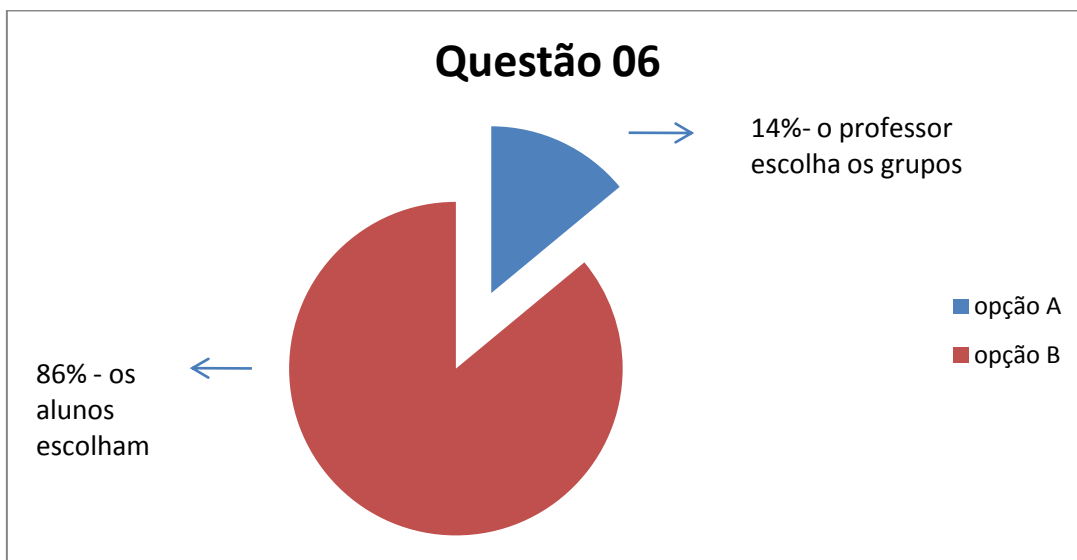
O índice de 25% de alunos da classe que afirma que várias vezes ficaram fora do grupo, pode ser um indicador importante para o professor ou orientador que esteja em busca de problemas de relacionamento ou rejeição. Mas, é a porcentagem de 3% que afirma que sempre fica fora do grupo que é alvo desse estudo.

Destaca Rogers (2008, p. 17) que, em qualquer escola, os mesmos alunos podem se comportar de maneira diferente, em diferentes cenários e com diferentes professores. Dessa forma, o autor enfatiza que o comportamento do professor e o comportamento do aluno têm um efeito recíproco um sobre o outro e sobre o sempre presente “público” de colegas.

O papel do professor na sala de aula pode ser fundamental diante de uma situação problema. Quando o professor intervém para resolver um problema, para integrar um aluno em uma equipe, pode estar favorecendo a atitudes positivas em trabalhos futuros.

Questão 06 - Quando o professor diz que haverá um trabalho em grupos, o que você prefere?

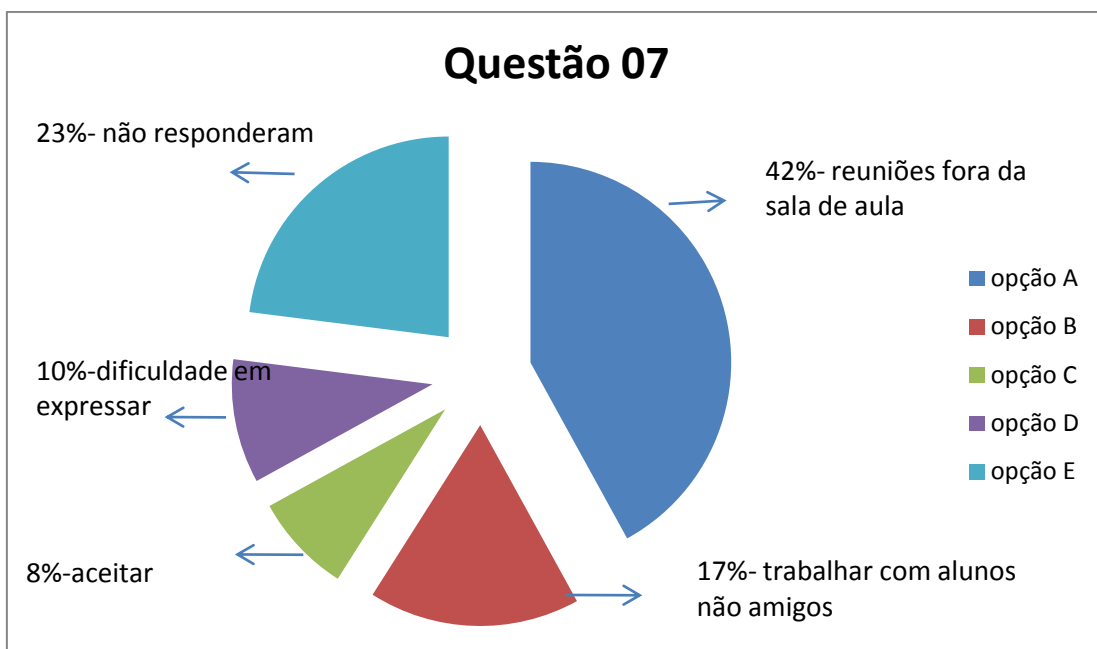
- a. Que o professor escolha os grupos.
- b. Deixar que os alunos façam as suas escolhas.



Há uma grande maioria da classe que prefere escolher os amigos com os quais eles vão fazer seus grupos de trabalho e 14% prefere que o professor interfira e faça a escolha. Martins (2009), quando questionado sobre a forma de agrupar alunos, respondeu que a decisão depende da intenção do professor e que o mais importante é sempre a aprendizagem e a construção de conhecimentos.

Questão 07 – Qual a maior dificuldade que você encontra, ao realizar um trabalho em grupos?

- As reuniões que acontecem sempre fora da sala de aula.
- Trabalhar com alguns alunos que não são amigos.
- Aceitar ideias que sejam contrárias às minhas.
- Tenho dificuldade em me expressar e prefiro ficar quieto.
- Alunos que não responderam à questão.



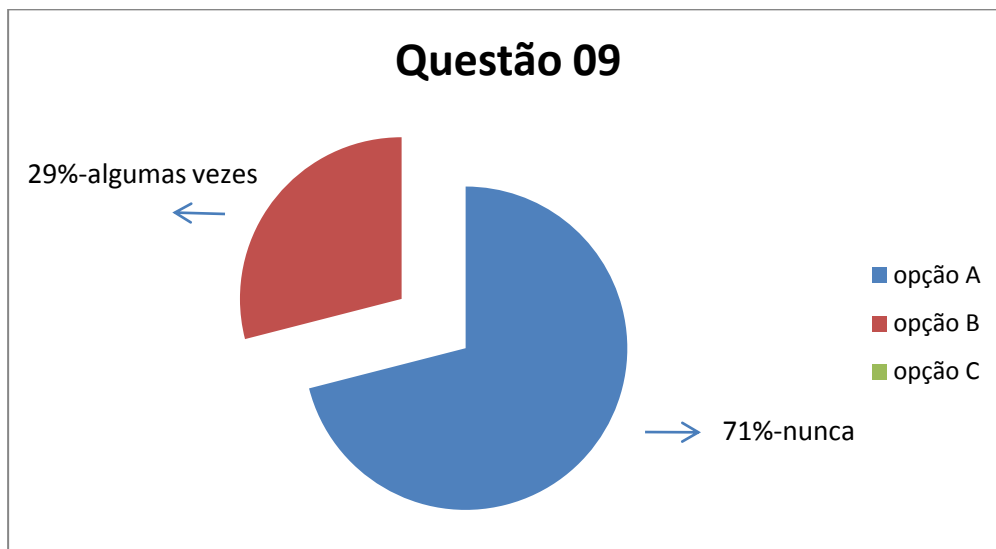
A questão 07 (no questionário) tem apenas 04 opções de respostas. Mas, alguns alunos, ou seja, 23% preferiram não responder. Portanto foi incluída a opção (E) para os alunos que não responderam a questão.

Quando uma atividade em grupo precisa de mais tempo para ser realizada, às vezes será necessário que os alunos se encontrem em ambiente fora da sala de aula. Dessa forma ocorrem os encontros na escola ou casa de amigos, que muitas vezes é dificultado por causa da distância das casas dos alunos ou pela falta de permissão dos pais para que o trabalho se realize em casa.

Portanto, é possível que a grande quantidade de alunos que optaram pela alternativa “A”, possa indicar a dificuldade de realizar trabalhos em grupos, fora do ambiente e período escolar.

Questão 09 – Você já se sentiu discriminado ou vítima, em algum momento, durante a realização do seu trabalho?

- a. Nunca b. algumas vezes c. sempre



O índice de alunos que indicaram algum tipo de discriminação durante o trabalho em grupos é grande, e ao fazer a análise das respostas, notou-se que alguns alunos optaram em deixar a insatisfação por escrito. Por se tratar de colocações importantes na conclusão deste trabalho, foram incluídas as falas, de forma íntegra, abaixo. Para não identificar os alunos, eles foram identificados por letras.

3.2.1. – Opinião dos alunos sobre trabalho em grupo

Frases escritas por alunos da mesma turma, identificados por letras A,B,C,D, E,F.

Aluno A - “Era um trabalho com mais de cinco pessoas em cada grupo. Eu e minhas amigas (total de três) entramos no grupo dos rapazes, porque eles estavam precisando de mais componentes para formar o grupo. Estávamos lá porque eles aceitaram e convidaram a gente. Sem explicação, eles trocaram a gente por outras meninas, só porque eram “melhores” que nós. Nós nos sentimos tristes e discriminadas.”

Ser “trocado” por outro integrante sem explicar, gera conflitos internos, sentimento de rejeição e frustração. O professor precisa ter uma regra sobre formação de grupos para evitar transtornos.

Aluno B - “É muito comum quando participamos durante um trabalho, um ou outro integrante não concorde ou não goste, e fica te criticando e às vezes até te chamando de riquinha.”

Críticas e preconceito social levaram esse aluno “B” a ter problemas com trabalho em grupo.

Aluno C - “Muitas vezes eu tive ideias muito boas, até perfeitas, para trabalhos, e ninguém nunca ouvia as minhas ideias. Por isso eu ODEIO trabalho em grupos. Prefiro fazer sozinho, para que ninguém interfira em minha opinião.

O termo usado pelo aluno “C” acima demonstra aversão a trabalho em grupo. Odiar trabalho em grupo é sério, pois alunos sempre vão encontrar ao longo do caminho escolar professores dispostos a fazer trabalhos em grupo.

Aluno D - “Olha professora, o último trabalho que nós fizemos, fui eu quem fiz sozinha, ninguém me ajudou, tive que me virar...me esforçar.”

Aluno E - “No ano passado eu estava fazendo um trabalho de pesquisa com uma equipe. Quando chegou minha vez de sair da sala, para pesquisar, a professora não me deixou sair porque ela disse que eu não seria capaz de fazer o trabalho, e mandou outra pessoa no meu lugar...”

Aluno F - “Às vezes a gente fica de fora e sobra... a gente não tem lugar. Às vezes sobra lugar no grupos dos “nerd” e ele não nos aceita.”

Após concluir o questionário e fazer as porcentagens, foram identificados alguns alunos com alguns problemas de socialização na sala de aula e outros que nem suportam a ideia de se agrupar para fazer trabalhos. Será que essa postura negativa sobre o trabalho em grupos já ocorre há vários anos? E, se o professor tivesse identificado esse problema no passado e trabalhado de forma individual e em grupos, a situação poderia ser diferente?

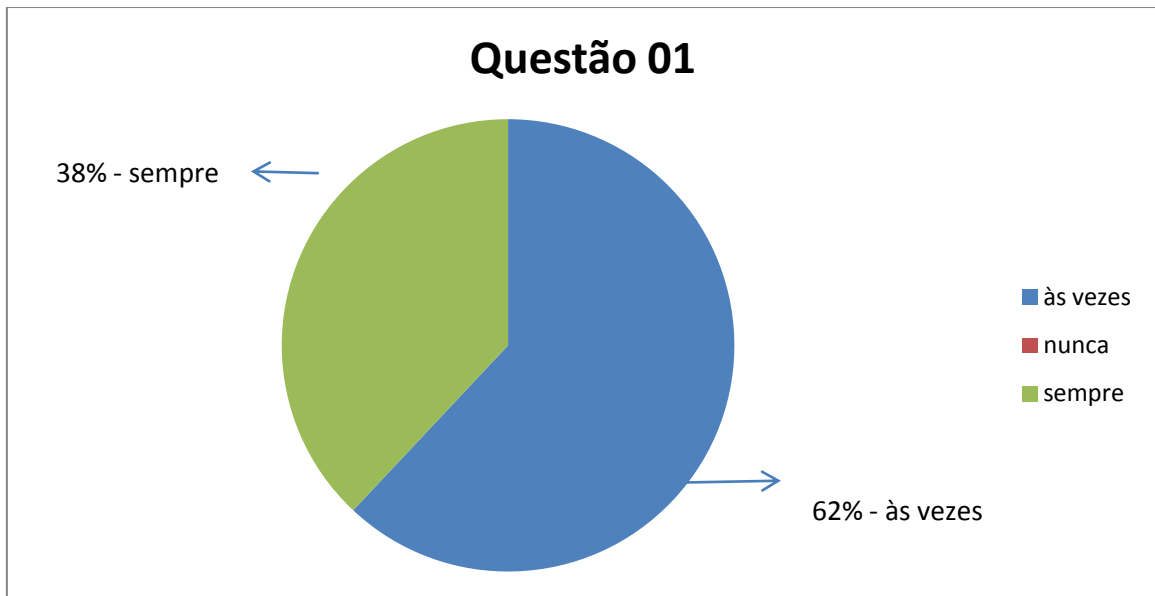
3.3. – Questionário dos Professores: Gráficos e Análise

Os questionamentos e gráficos que constam nesta parte do trabalho são resultados de um questionário feito durante o ano letivo de 2010. Foram entrevistados 21 professores, de ambos os sexos, de uma escola do interior do Estado de São Paulo. Entre os participantes da pesquisa havia representantes de várias disciplinas e a maior parte deles utiliza o trabalho em grupos durante o ano letivo e leciona há mais de 10 anos.

Os professores que participaram da pesquisa tiveram a oportunidade de fazer comentários sobre o assunto, no final do questionário. Sobre o assunto, uma das professoras entrevistadas, comentou: “Muitos alunos se recusam a participar de um grupo. Eles preferem fazer o trabalho individual. Quando isso acontece, peço para que um grupo o convide. Geralmente, quando é convidado por um grupo, para se integrar a eles, o aluno aceita o convite, e vai se unir aos colegas”.

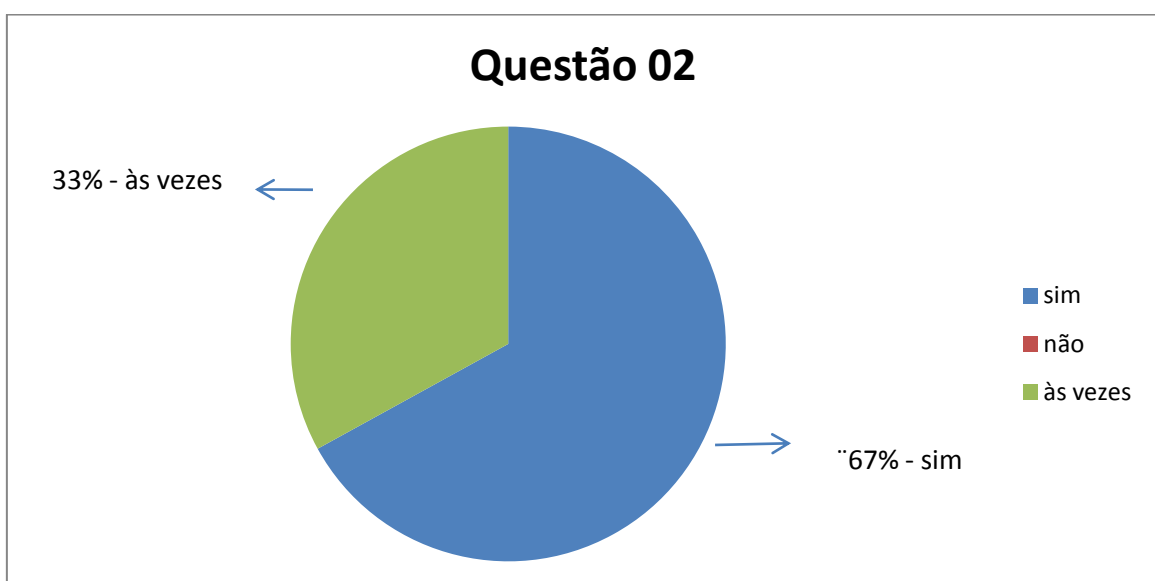
Foram escolhidas somente algumas questões para serem apresentadas em forma de gráfico.

01. Você costuma dar trabalhos em grupos durante o ano letivo?



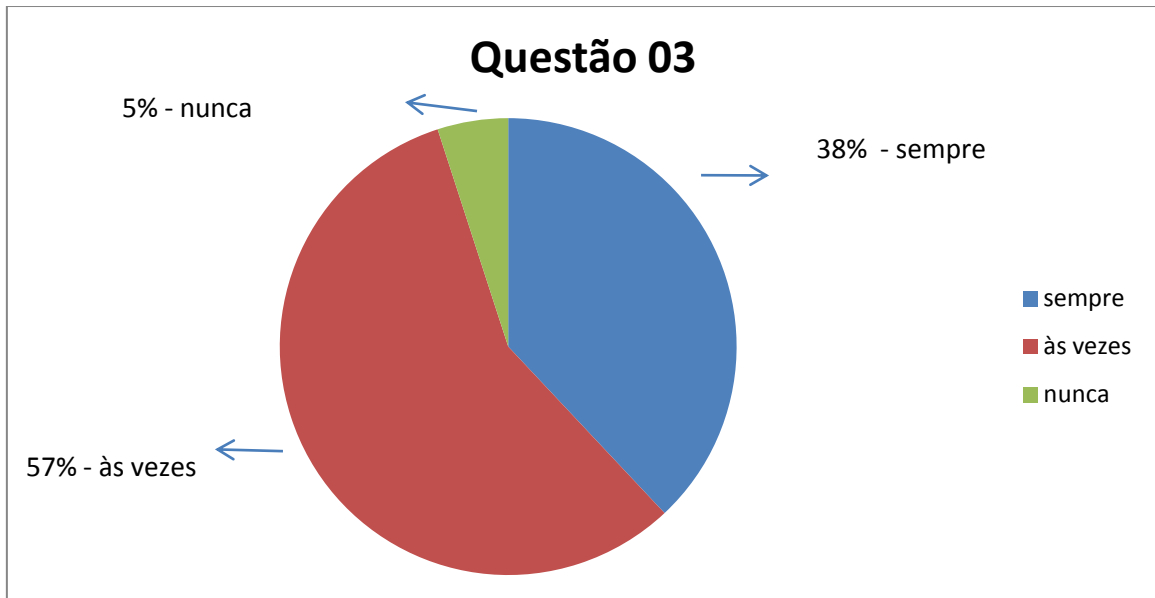
Mesmo que o trabalho em grupos não seja realizado sempre (para a maioria dos professores), nota-se que todos realizam esse tipo de atividade, o que torna os resultados mais confiáveis, pois se trata de um grupo que utiliza esse método de trabalho.

02. Quando você aplica este tipo de trabalho, sua intenção é praticar a socialização do aluno?



No resultado dos professores notou-se a intenção de praticar a socialização dos alunos, na maioria dos professores entrevistados.

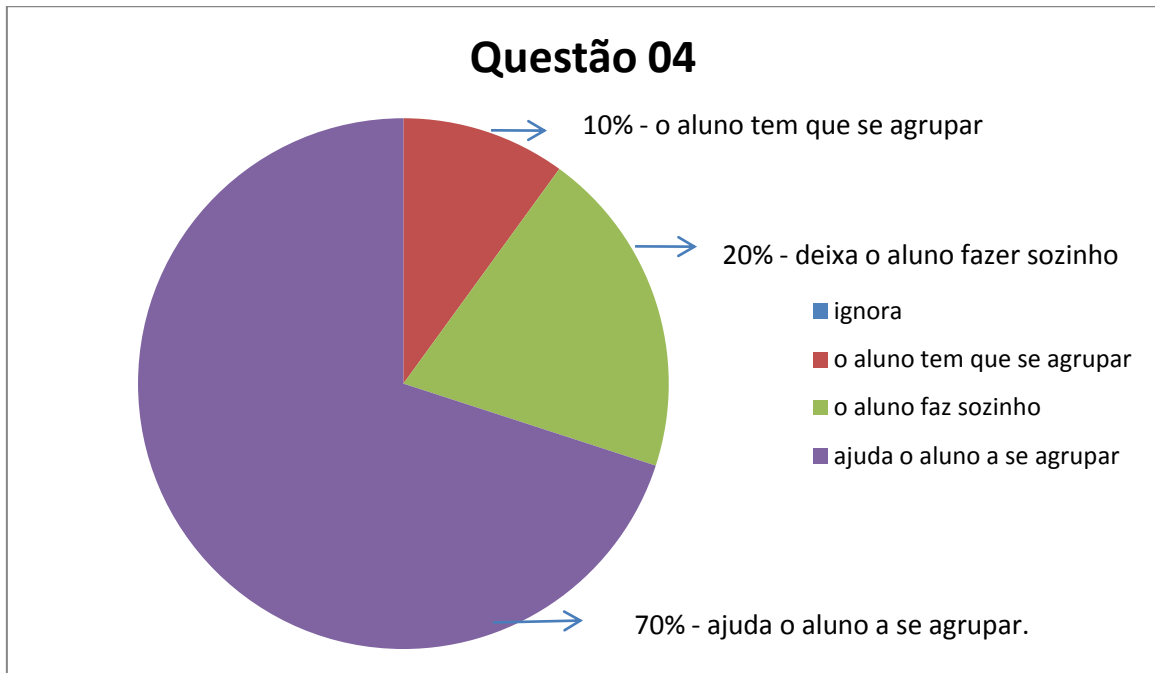
03. É comum encontrar alunos que não conseguem se agrupar?



Se o problema não for bem trabalhado, obstáculos pela frente poderão fazer com que o trabalho seja um fracasso e alunos que anteriormente estavam motivados poderão ficar desmotivados e desistir de realizar um bom trabalho.

Não é difícil observar, nas salas de aula, alunos ou alunas que não fazem nem deixam fazer, embora se dediquem a colocar obstáculos aos avanços da tarefa de grupo. Suas intervenções, quando existem, têm efeitos negativos no progresso da tarefa, no bom entendimento entre os componentes, ou em ambos os aspectos. Às vezes, parece que pretendem destruir os projetos do grupo, mais que construí-los; em outras ocasiões parece que não vivem, nem deixam viver (BONALS, 2003, p.49).

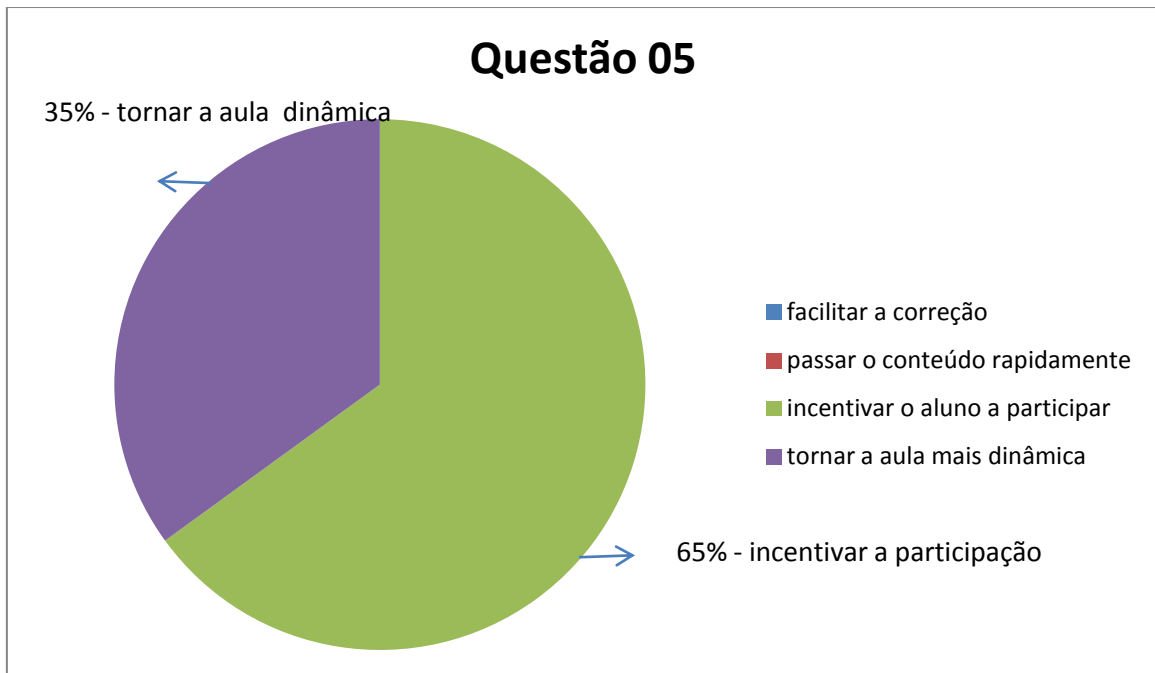
04. Que tipo de atitude, você como professor costuma tomar, quando um aluno não tem um grupo para realizar o trabalho?



Quando a classe toda está envolvida em um trabalho em grupo, é interessante que todos os alunos façam parte. O fato de deixar alguns alunos isolados pode ser prejudicial ao aluno e aos demais. Conversar com o aluno, identificar o problema, ajudá-lo é o verdadeiro papel do professor.

É importante também que o professor identifique a causa do problema, pois obrigar que um aluno faça o trabalho com outros alunos com os quais ele não se identifica, pode certamente ser muito prejudicial.

05. Qual o objetivo de realizar um trabalho em grupos?



As alternativas “A” e “B” não foram assinaladas. Uma boa indicação de que o trabalho em grupos não é uma alternativa para passar um conteúdo mais rapidamente e muito menos facilitar a correção. Os professores acreditam que o principal objetivo é incentivar a participação de todos os alunos e tornar a aula mais dinâmica.

“As técnicas de grupo, em qualquer de suas especificações, não devem ser aplicadas apenas para criar um modelo novo ou diferenciado de ensino. Devem ser aplicadas quando se busca estabelecer em bases definidas uma filosofia formativa que se pretende imprimir na escola quando se descobre, nas pessoas envolvidas, um estado de espírito para aceitarem uma inovação como resposta à necessidade e ao desejo de conhecerem melhor, e finalmente quando se acredita que uma técnica, não representa uma “porção mágica” capaz de educar pessoas e alterar comportamentos, mas somente uma estratégia educacional válida na medida em que se insere em todo um processo, com a filosofia amplamente discutida e, objetivos claramente delineados.” (ANTUNES, 2002,P. 17)

No questionário, após as questões, havia um espaço, uma opção para o professor que desejasse fazer um comentário sobre o assunto. Dos 21 professores entrevistados, onze deixaram comentários significativos para os resultados da pesquisa, portanto serão transcritos. Para evitar identificação, os professores serão identificados com letras do alfabeto.

3.3.1. – Opinião dos professores sobre trabalho em grupos.

Professor A – “Muitos alunos se recusam a participar de um grupo. Eles preferem fazer o trabalho individual. Quando isso acontece, peço para que outro grupo o convide. Geralmente, quando é convidado por um grupo, para se integrar a eles, o aluno aceita o convite e vai se unir aos colegas.”

Professor B – “Alguns alunos não gostam de fazer trabalhos em grupos, principalmente os “bons”, pois acabam fazendo para não prejudicar sua nota e muitas vezes sofrem pressão por parte de outros alunos, os “ruins”, para ter o nome no trabalho e receber a nota não merecida.”

Professor C – “A principal razão para aplicação de trabalhos em grupos é realmente a socialização dos alunos, tendo em vista que um dos objetivos principais da escola é inclusão do aluno no convívio social.”

Professor D – “Os grupos não devem ser grandes (grande número de alunos). Quando é feito um trabalho em grupo; é para que todos discutam o problema cada um respeitando a opinião do colega. O trabalho em grupo também ajuda a destacar um líder e responsabilidade entre os componentes.”

Professor E – “Os problemas encontrados na realização de um trabalho em grupo são:

- Minha mãe não deixa fazer trabalhos em grupos;
- O grupo dos meus amigos já estava formado;
- Prefiro fazer sozinho.

Professor F – “Os trabalhos em grupo geralmente auxiliam na socialização do aluno e na assimilação do conteúdo, pois o aluno com dificuldade de aprendizagem terá oportunidade de discutir e assinalar o que não aprendeu e assim poderá sanar suas dívidas.”

Professor G – “Costumo deixar os alunos livres até um determinado ponto. Porém, quando percebo problemas, faço intervenções.”

Professor H – “O trabalho em grupo ajuda muito, principalmente o aluno que não se socializa ou é muito tímido, também para que haja uma convivência melhor aos demais alunos e também uma forma de avaliação.”

Professor I – “A realização de um trabalho em grupo ajuda na socialização dos alunos e professores, através de troca de ideias e opiniões diferentes”.

Professor J – “Quando se trata de grupos, deixo o aluno realizar o trabalho sozinho, se assim ele desejar.”

Professor K – “Alguns alunos não gostam de fazer trabalhos em grupos, preferem ficar sozinhos e alguns pais pedem para que o filho faça sozinho.”

“Introduzir o trabalho em pequenos grupos nas salas de aula exige conhecimentos pertinentes, habilidades adequadas, atitudes favoráveis, valores apropriados, normas que o potencializem, uma cultura de escola predisposta e algumas condições gerais que o tornem possível, na prática, de concretizar em cada caso. Entendemos que o desafio exige ver até que ponto somos capazes de levar em conta todos esses aspectos e colocá-los a serviço, de maneira cooperativa, de estar com os demais.” (BONALS,2003, p. 43).

Ao terminar a análise das perguntas feitas aos professores, notou-se que há grande preocupação em socializar os alunos, mesmo encontrando alguns alunos com dificuldades de socialização. A maior parte dos professores acredita que a participação de todos é fundamental para o bom desempenho do trabalho em grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve a intenção de apresentar o trabalho em grupo como uma estratégia possível para administrar conflitos de socialização escolar.

Tornou-se evidente que sendo o professor o grande agente do processo educacional, seus métodos usados durante o ano letivo são diversos, mas precisam de muito preparo, planejamento e profissionalismo para que o resultado seja favorável e que diante algum conflito o professor esteja preparado para resolvê-lo.

Nas entrevistas com os professores foi satisfatório notar que a maioria dos entrevistados costuma utilizar o método de trabalho em grupo durante o ano letivo, mas quando ocorre resistência por parte de algum aluno a atitude do professor varia entre: deixar que o aluno faça o trabalho sozinho ou conversar com o aluno, tentando inseri-lo no grupo.

É importante ressaltar que nem todos os alunos que optam por fazer um trabalho sozinho estão deixados de lado ou rejeitados. Pode ocorrer uma opção por um fato isolado, uma discussão entre os participantes, ideias diferentes que após uma conversa entre professor e aluno, decide-se em permitir que o trabalho seja realizado, dessa vez, individual.

Possivelmente não seria satisfatório se ao perceber a dificuldade do grupo em se ajustar, o professor ignorasse a situação. O diálogo é muito importante e o professor precisa estar pronto para mudar as regras do trabalho quando for necessário.

Uma parte dos professores acredita ser a melhor opção tentar inserir o aluno em um grupo. Como se trata de um trabalho em grupo, a melhor opção é que todos estejam dentro da regra do trabalho e partindo desse pressuposto o professor precisa estar atento para os agrupamentos, as dificuldades e ser o mediador dos conflitos.

Nesse momento a melhor opção é o diálogo. De forma amigável, desinteressada e preocupado em satisfazer os interesses do grupo, o professor ouve, sem discutir ou tomar partido de um aluno, e propõe uma solução que possa vir a agradar a todos.

Diante do questionamento sobre a intenção do trabalho em grupo, 70% dos entrevistados assinalou ser o objetivo principal a socialização e o índice se repetiu quando o professor foi questionado sobre a intenção de ajudar o aluno a encontrar um grupo. A disposição existe, de acordo com as respostas e, só vem confirmar a frase de um dos professores entrevistados: “O trabalho em grupo é uma estratégia educacional de socialização válida”.

Notou-se, como ponto negativo, a existência de alunos que possuem aversão ao trabalho em grupo. Foi possível avaliar que essa aversão é consequência de algum problema no passado que levou o aluno a tomar certa posição. Problemas que podem ser listados como:

- Todo grupo recebe uma nota considerada baixa e, entre os alunos do grupo está um aluno considerado pela turma como excelente e, que conseqüentemente não aceita a nota baixa e acaba sentindo aversão a trabalho em grupo.
- Um único aluno realiza todo trabalho, por opção própria ou por descaso dos demais e coloca o nome de todos os demais alunos do grupo.
- A rejeição leva à aversão ao trabalho em grupo, quando o aluno rejeitado é excluído de toda elaboração do trabalho e apenas tem seu nome incluso como integrante, mesmo sem ter feito nenhuma participação.
- Dificuldade de expor a ideia diante de um grupo, intimidação.

De acordo com cada faixa etária o indivíduo enfrenta algumas dificuldades. Durante a adolescência é comum encontrarmos jovens tímidos e que ficam constrangidos diante de um grupo. O trabalho em grupo tem a função de praticar a socialização e todos os integrantes precisam ter consciência de que todos são iguais e que possuem opiniões diferentes.

Respeitar todos os integrantes é uma das regras da atividade e que precisa ser enfatizada logo no início da atividade.

Diante do questionamento sobre medo de ficar fora do grupo, a resposta de 50% dos alunos leva a reflexão sobre a atuação do professor diante da classe e ainda reafirma as palavras de Bonals (2003) quando destaca que não nos ensinaram a trabalhar em grupos por isso, não ensinamos aos nossos alunos. A segurança do aluno em sala de aula depende da segurança do professor diante da classe.

Sendo o trabalho em grupo uma atividade que melhora as habilidades sociais, o aluno poderá ser beneficiado e alguns vão aprender a lidar com a necessidade de aprender a compartilhar, aprender a aceitar ideias e posicionamentos de outros, aprender a trocar conhecimentos.

Após a análise dos dados e das contribuições escritas no final do questionário, foi possível identificar alunos discriminados, rejeitados, alunos que se isolam por vontade própria e diante dos parâmetros curriculares nacionais que diz que a escola deve “favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia nas questões sociais”, torna-se necessário cada professor fazer a sua parte no processo de integração.

De acordo com Caro (2011), “a educação social amplia o contexto da educação e envolve a família, a comunidade e a sociedade na responsabilidade do desenvolvimento humano e diante de alunos com dificuldade de socialização é possível aliar-se à educação social e conseguir estratégias para uma melhor convivência entre educadores e alunos”.

Algumas atividades que ocorrem em sala de aula ou nos finais de semana, dentro ou fora do prédio escolar, visam a integração dos alunos, socialização, inclusão. Alunos que possuem dificuldade de delegar responsabilidades ou realizar responsabilidades podem ter desenvolvido ou “aprendido” durante a socialização primária. São transtornos que dificultam a vida em sociedade, mas podem ser revertidos com atividades em grupos e educação social.

Torna-se necessário que a educação inclua novos agentes e espaços educativos e que os professores desenvolvam métodos de socialização. Muita coisa pode ser feita dentro da escola, mas é hora de envolver comunidade e família nesse processo de integração.

Caliman (2010, p. 366), comenta que em entrevista com uma professora finlandesa questionou sobre a atuação da Pedagogia Social em um país rico como a Finlândia. Em resposta, sua amiga afirmou que a Pedagogia Social não é um privilégio de países pobres e que em seu país existem conflitos, problemas sociais, falta de solidariedade, atitudes de indiferença e autocentrismo, tornando-se necessária a intervenção da Pedagogia Social.

Concluindo destacamos a importância do trabalho em grupo em sala de aula como uma das formas de socialização e a presença do professor como fundamental nesse processo de observar, identificar e alertar sobre os riscos da rejeição de um aluno em sala de aula.

“Da escola brasileira se espera que não se feche dentro de processos educativos de ensino-aprendizagem, mas que se abra a experiências educativas que ultrapassem seus muros”. (CALIMAN, 2010, p. 367).

Trata-se de apenas uma pequena contribuição para a educação, que é a base de tudo.

Nesse momento vem a proposta de trabalhar em pequenos grupos em sala de aula e praticar a socialização, proposta essa defendida pela Pedagogia Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 6ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ARGYLE, M. **A interação social: Relações Interpessoais e comportamento social**. (Trad. Márcia Nunes).Rio de Janeiro:Zahar,1976.

BACETE, Garcia. **Identificação de alunos rejeitados: Comparando os métodos bidimensional nomeações sociométricas**. Editora Fundacion Infancia y aprendizagem. Vol 29,n.4, Nov.2006

BELL, Daniel. **The World and the United States in 2013**. Daedalus, 116,1987,1-31.

BONALS, Joan. **O trabalho em pequenos grupos na sala de aula**. Trad. Neusa Hichel – Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRANCHER, Vantoir. R. **Indicadores de aceitação e rejeição social em um grupo de professores em formação**. A face oculta do preconceito. Universidade Federal de Santa Maria. RS. Educação Unisinos: Vol. 12, nº1, 2008.

BRASIL, Conselho Nacional de Justiça. **Cartilha sobre Bullyng**. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/Justica_nas_escolas/cartilha_web.pdf. acessado em 22 de ago.2011.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC).**Rejeição na sala de aula atinge 13% dos alunos e afeta desempenho escolar**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/c/journal/>

_____. LDB. 5692/71. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. De 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: MEC, 1971

_____. LDB. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. De 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação.**Projeto Escola Aberta**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/proposta_pedagogica.pdf. Brasília: MEC, 2007.

_____. Secretaria de Educação Fundamental.Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p.

CABANAS, Jose Maria Quintana. **Antecedentes históricos de la educación** . 1997, pp. 67-91.

CALIMAN, G. Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO - UNISAL - Americana/SP - Ano XII - Nº 23 - 2º Semestre/2010 - **Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador** - p. 341-368

CAMPOS, C. A. 2000. **Algumas considerações sobre preconceito e inclusão**. Publicações UNISAL. Disponível em <http://www.am.unisal.br/publicacoes>.

CARO, Sueli. M. P. **Educação Social: novas perspectivas para a Educação Social**. UNISAL. Pesquisas em Pós-Graduação em Educação e Práticas Pedagógicas, 2011.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo. Editora Gente, 2001.

CONCEIÇÃO, Maria. I. G. **Estudo Sociométrico de uma Instituição Alternativa para crianças e adolescentes em Situação de Rua: Construindo uma Proposta pedagógica**. UNB. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(2), pp.277-286

CUSHNIR, Luiz. J. L. Moreno - **Autobiografia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1997.

FERMOSO, P. **Pedagogia social**. Barcelona: Herder 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**, 1ªed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1996

_____. **Pedagogia do oprimido**. 8ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980

GIBB, J. R. **Manual de dinâmicas de grupos**. Buenos Aires: Humanitas, 1963.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. -3ª.ed.-Rio de Janeiro:Record,2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 2006, vol. 4, n. 50.

GOMES, Jerusa. Vieira. **Socialização Primária: Tarefa Familiar?** Faculdade de Educação da USP. Disponível em:
[HTTP://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf). acessado em 19 de set 2011.

IDÁÑEZ, M.J.A. **Como animar um grupo: princípios básicos e técnicas.** Petrópolis: Vozes, 2004.

IVERSON, A. M., & Iverson, G. L (1996) **Children's long-term reactions to participating in sociometric assessment.** Psychology in the Schools,33,103-112.

KLEIN, J. **O trabalho de Grupo: Psicologia Social da Discussão e Decisão.** 2ª Ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores.1963.

LEÃO, José A.C. **Considerações sobre o Projeto Escola Aberta: Perspectivas para uma agenda de lazer.** 2005. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas Públicas). Instituto de Formação e Desenvolvimento Profissional da Fundação Joaquim Nabuco, Recife,2005.

LEWIN, Kurt. **Problemas de Dinâmica de Grupo.** 2ªed. São Paulo. Ed. Cultrix, 1973.

LIEVEGOED, Bernard. **O campo de atuação da Pedagogia Social.** Caderno de Pedagogia Social. Associação de Pedagogia Social, Julho de 2009.

LIMA, Lauro. **O Treinamento em Dinâmica de Grupo: no lar, na empresa, na escola.** 5ªed. Petrópolis,RJ, Ed. Vozes Limitada, 1976.

MACHADO, Evelcy. M. **A Pedagogia Social: reflexões e diálogos necessários.** São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

_____. **Pedagogia e a Pedagogia Social: Educação Não-Formal.** Pedagogia em Debate, 2002.

MARTI, E.;SOLÉ, I. **Conseguir um trabalho eficaz.** Cadernos de pedagogia, nº 255,p. 59-64, 1997.<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e>

avaliacao/interacoes/como-agrupo-meus-alunos-427365.shtml. acessado em ag.2011

MARTINS, J de S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais.** Petrópolis, Vozes, 2002.

MORENO, J. L. **Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria.** Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Goiânia: Dimensão Editora, v.1, 2 e 3; 1992.

MUSSEN, P. H. & cols. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança.** 3.ed. São Paulo:Harbra, 1995.

NETO, João. C. S. **Pedagogia Social.** São Paulo: Expressão e Arte Editora. 2009.

OTTO, Hans-Uwe. **Origens da Pedagogia Social.** São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** – São Paulo: Xamã, 2000.

PAULA, Lucília Augusta Lino de, **Educação Profissional e Qualidade de Ensino: investigando a interação família-escola.** Relatório Final do Projeto apoiado pelo Edital CNPq 19/2004 (APq). CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, 2007.

PETRUS, A. (Coord.) **Pedagogía Social.** Barcelona, Ariel. p.71-73, 1997.

QUINTANA, J. M^a. **Antecedentes Históricos de la Educación Social.** In: social. In: Pedagogia social. Madrid, Dykinson, 1988.

ROGERS, Bill. **Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula.** 2.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

SARAVALI, E.G. **Dificuldades de aprendizagem e interação social.** 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **Posição Sociométrica do aluno com dificuldades de aprendizagem: Contribuições da Teoria de Moreno para a Educação.** Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista, Ano II, n. 3, p. 79-87, 2004.

SCHMIDT, Maria. L.G. **Algumas Reflexões Acerca da Construção e Contribuições da Teoria Socioeconômica**. Tese de Pós Doutorado. Departamento de Saúde Ambiental, Faculdade de Saúde Pública - USP, Brasil, 2006

SHAW, M. **Dinâmica de Grupo**. Barcelona.Herder.1989.

SILVA, Adelina. M. P. **Mundos reais mundos virtuais. As relações interpessoais em/na rede**. 2002. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais). Universidade Aberta – Porto, Portugal, 2002.

SILVA, Vera. R. M. G.. **Indicadores de Rejeição em Grupo de Crianças**. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR.2001.

SWINDOLL, Charles. **Firme seus valores**. Rio de Janeiro, Ed. Bethania. 2010

SZADKOSKI, Clarissa Maria Aquere. **Violência nas escolas: causas e conseqüências**. EdiPUCRS. Porto Alegre, 2010.

TONELOTTO, Josiane. M. F. **Aceitação e Rejeição: percepção de escolares desatentos no ambiente escolar**. Psicologia Escolar e Educacional. Pontifícia Universidade Católica – Campinas, vol.6 .n.2, 2002.

TORRES, C. A. **A política da educação não formal na América Latina**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TRILLA, J. **La Educacion fuera de la escuela**. Ambitos no formales y educación social. Barcelona. Ariel. 1996.

WEINBERG, Robert; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**, Porto Alegre: Artmed, 2006.

WERNECK, H. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 16 ed. Petrópolis.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário – Aluno

Anexo 2 - Questionário – Professor

Anexo 3 - Modelo das perguntas do Sociograma

Anexo 4 - História 01 – Ina

Anexo 5 - História 02 - Um tal aluno X

Anexo 01

QUESTIONÁRIO – ALUNO - Série - ____ - Idade ____

01. Quando um professor avisa que haverá um trabalho em grupos na aula, qual o primeiro sentimento que você sente?

- eu gosto fico ansioso não gosto

02. Você tem facilidade de se agrupar?

- sempre às vezes nunca

03. Como sua família (pai e mãe) encara um trabalho em grupo?

- normal, sempre acontece e sempre aceitam.
 na maioria das vezes eles não gostam e preferem que eu faça sozinho.
 não aceitam e sempre eu faço sozinho.

04. Alguma vez você sentiu medo de ficar fora do grupo?

- sempre às vezes nunca

05. Alguma vez você já ficou fora do grupo?

- várias vezes nunca sempre

06. Quando o trabalho em grupos vai acontecer, o que você prefere?

- que o professor escolha os grupos
 deixar que os alunos façam suas escolhas

07. Qual a maior dificuldade que você encontra, ao realizar um trabalho em grupos?

- as reuniões que acontecem sempre fora da sala de aula.
 trabalhar com alguns alunos que não são meus amigos.
 aceitar ideias que sejam contrárias às minhas.

Anexo 02**Pesquisa - PROFESSOR****Tema – Trabalho em Grupos**

01. Há quantos anos leciona? _____
02. Qual sua disciplina? _____ Faixa etária dos seus alunos _____
03. Você costuma dar trabalho em grupos durante o ano letivo?
- () às vezes () nunca () sempre
04. Quando você aplica este tipo de trabalho, sua intenção é praticar a socialização do aluno?
- () sim () não () às vezes
05. Há preocupação em inserir o aluno em um grupo, que ele se sinta bem?
- () sim () não () às vezes
06. É comum encontrar alunos que não conseguem se agrupar?
- () sempre () às vezes () nunca
07. Que tipo de atitude, você como professor costuma tomar, quando um aluno não tem um grupo para realizar o trabalho?
- () ignora
- () pede para que o aluno arrume um grupo
- () deixa que o aluno realize o trabalho sozinho
- () ajuda o aluno a arrumar um grupo
08. Qual o objetivo de realizar um trabalho em grupo?
- () facilitar a correção
- () passar um conteúdo mais rapidamente
- () incentivar o aluno a participar
- () tornar a aula mais dinâmica

09. Já aconteceu de um aluno recusar-se a fazer o trabalho em grupo? Você conversou com o aluno particularmente para saber a causa?

() nunca ocorreu () conversei com o aluno () não conversei

10. Você gostaria de fazer algum comentário, sobre o assunto tratado?

Anexo 03

Modelo das perguntas do Sociograma:

Nome: _____

01. Escolha dois alunos, da sua classe, com os quais você gostaria de fazer um trabalho em grupo.

Nome: _____

01. Escolha dois alunos da classe, com os quais você não gostaria de passar o intervalo.

Anexo 04

A história relatada abaixo demonstra a rejeição e seus transtornos não somente na escola, mas também na família e sociedade.

A história de Ina – Rejeição

Após um dia normal de aula, no horário de sempre, a pequena Ina, aluna do Ensino Fundamental, na época com 12 anos, chegou na sua casa e, fugindo de toda uma rotina, foi para seu quarto e deitou-se em sua cama.

O silêncio incomodou a mãe que, saiu à procura da filha. Encontrando-a perguntou se estava tudo bem e a resposta foi positiva. A mãe voltou para a cozinha para terminar o almoço e, ficou surpresa quando a filha se recusou a comer.

Ina, duas vezes por semana, fazia aula de pintura e gostava bastante do que fazia e, preocupou a mãe naquele dia quando disse que não iria à aula e gostaria de sair do curso de pintura.

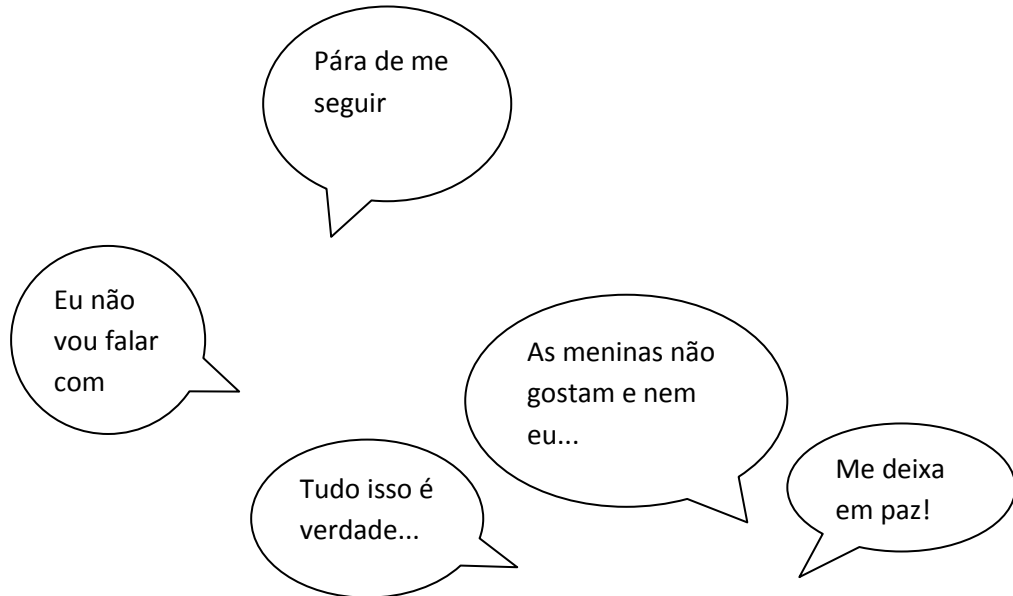
A mãe de Ina percebeu que a filha estava febril, nada exagerado, mas o suficiente para que começasse o questionamento. A garota não tinha dor, não tinha se machucado, não tinha sintoma de gripe, mas a tristeza era enorme.

O que faria com que uma pessoa deixasse o curso que tanto gostava e se prostrasse em uma cama com febre? Lógico! Uma decepção. Algo tão forte que tirasse a resistência, perdesse o interesse por algo que muito lhe agradava.

Aos poucos Ina foi se abrindo e entregou nas mãos de sua mãe a prova, a justificativa por se encontrar naquele estado.

A amiga do curso de pintura tinha entregado um desenho, feito em folha de caderno, bem simples mas bem claro.

Entre as “verdades” descritas e desenhadas, havia frases como:



Todas as frases que constavam naquele bilhete indicavam rejeição e, a partir do momento em que as palavras machucaram Ina, ela não suportou e desabou.

Triste, triste demais. Foi assim que Ina se sentia e a mãe, agora que sabia de tudo, também. Ina estava sendo culpada de: seguir as meninas, chatear as demais, incomodar, perturbar e finalmente só teria perdão se ela promettesse que jamais faria isso novamente.

Histórias como a de Ina existem em todo ambiente escolar e se torna passível de estudo, pois gera transtornos sociais, familiares e até físicos.

Anexo 05

A história abaixo foi contada pela Prof^a. Myrtes Ribeiro e demonstra a importância do professor que se preocupa com os alunos e o resultado positivo incentiva o envolvimento e amor em todas as atividades.

O texto tem como título: **ATIVIDADE EM GRUPO E UM TAL ALUNO “X”**

Fui professora de 4^a série por mais de 10 anos. Vi vários modismos na educação brasileira; alguns passavam com a mesma rapidez com que chegavam. Outros permaneciam mais tempo. Uma ideia boa que veio e permanece até hoje é a atividade em grupos.

Mas havia uma coisa que me incomodava: ver alunos não-aceitos em grupos que escolhiam me perturbava. Achava que o mal estar que eu sentia era experimentado pelo aluno/a rejeitado também. E isso certamente comprometeria a aprendizagem.

Observando um aluno de quarta série, que vou chamar aluno “X”, percebi que a boa ideia da produção de tarefas em grupos, a fim de facilitar a apreensão do conteúdo via interação social poderia, sim, ser altamente negativa, caso o agrupamento se desse em situação de exclusão e acentuação de suas dificuldades de relacionamento pessoal.

Pois bem, comecei a observar que toda vez que sugeria atividade escolar em grupos, o tal aluno “X” ficava incomodado. Enquanto os grupos se organizavam, “X” procurava alguma coisa pela classe. Ele andava da frente para os fundos da sala, olhando na bolsa por várias vezes e o tempo passava e ele ali procurando algo que nunca encontrava. Isso aconteceu algumas vezes; até que reparei que a procura de “X” por algo que ele nunca encontrava durante as aulas em grupo se devia ao fato de que ele não tinha grupo. E por algum motivo, fazer grupo, para ele, poderia ser uma tarefa muito dolorida, ou impossível.

Então, como professora daquela turma de quarta-série, apoiadora e defensora das atividades em grupo, planejei uma estratégia: chamei o menino Guilherme. Guilherme era aquele menino de bem com a vida e com quem todos querem estar. Você sabe, né?

Falei assim com o Guilherme:

- Guilherme, você é um aluno muito querido. Todos sempre querem fazer grupo com você, mas eu preciso ajudar uma pessoa e preciso da sua ajuda para

isso. Preste atenção: a partir da próxima vez que eu mandar a classe se reunir em grupos para a realização de qualquer tarefa, você vai chamar o “X” para fazer parte do seu grupo.

Guilherme olhou para mim sem dizer nada. Então eu expliquei novamente que se o grupo fosse de cinco, seriam ele, o “X” e mais três colegas. Se o grupo fosse de quatro, ele, o “X” e mais dois. Guilherme já havia entendido e me fez uma pergunta:

- Professora, e se o grupo for de duas pessoas?

_ Então serão você e o “X” – respondi.

_ Está certo – ele disse.

Tenho certeza que Guilherme não ficou feliz da vida com essa minha atitude. Mas ele era uma criança com princípios, confiável.

Não me lembro quanto tempo depois, mas certo dia eu avisei a classe:

- Gente, você podem formar grupos de quatro para fazerem a próxima atividade!

Olhei para Guilherme e ele olhava para mim. Então eu meneei que sim com a cabeça. Ele levantou-se, foi em direção do “X”, que já estava de pé, procurando “alguma coisa perdida”, como sempre, e falou:

- “X”, quero que você venha fazer parte do meu grupo – e escolheu outros dois colegas.

Você precisaria ver a reação de “X”. Ele abriu um sorriso enorme. Juntou a bolsa e algumas coisas e saiu atrás do Guilherme pela sala, todo faceiro, como se houvesse ganho sua primeira festa de aniversário!

Sim. Eu apoio a atividade em grupo como uma estratégia de ensino. Mas isso não basta. É preciso sentir as emoções dos alunos nesse momento; se preciso, buscar novas estratégias, para ajudar sempre. Afinal, a aprendizagem passa pela pelo coração!

Prof.ª Myrtes Ribeiro (PEDAGOGA)

Ms. Ciências da Religião (UPM – UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE/SP)

Ms. TEOLOGIA (UNASP/ENGENHEIRO COELHO)